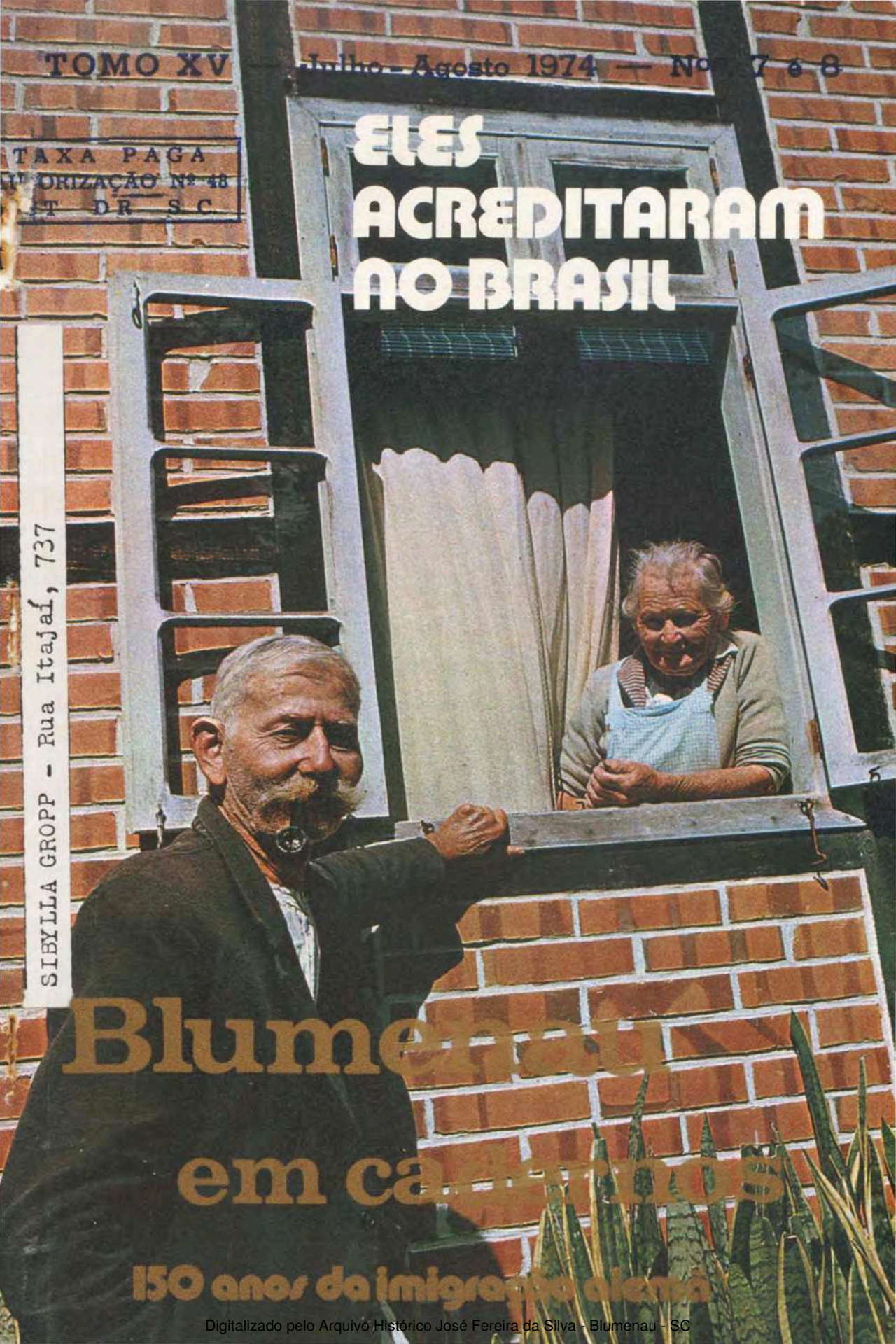


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº 48
ST DR SC

ELES ACREDITARAM NO BRASIL

SIBYLLA GROPP - Rua Itajaí, 737



Blumenau em cachorros

150 anos da imigração alemã

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Blumenau em Cadernos

TOMO XV

JULHO e AGOSTO DE 1974

N^{os}. 7 e 8

A PRIMEIRA

COMUNIDADE ALEMÃ

EM SANTA CATARINA

ELZEÁRIO SCHMITT, OFM.

Comissão de membros da União Brasileira de Escritores julgou os trabalhos apresentados ao Concurso "Thomas Mann", de âmbito nacional, que o Governo da República Federal da Alemanha levantou em 1973.

O presente estudo, que compõe o capítulo 3^o do livro "A CASA DOS JAMINS — Crônica de uma Família Catariense —" recebeu Menção Honrosa. (*Veja-se "O GLOBO", Rio, 7/10/1973.*)

O autor não pensa ter escrito a história da Colônia de São Pedro de Alcântara. Ela ainda não foi escrita.

Ao ensejo das comemorações com que o Rio Grande do Sul celebra os 150 anos da fundação da Colônia de São Leopoldo — o que não deixa de significar o sesquicentenário da imigração alemã no sul do País —, "Blumenau em Cadernos", publicando este estudo, homenageia também os pioneiros catarienses da colonização.

Do autor

A Divina Dor (Cartas) — José Olympio, Rio.

As Bem-Aventuranças Franciscanas (conferências) — Vozes,
Petrópolis RJ.

O Garoto de Roma (novela) — Ed. Paulinas, S. Paulo.

Tecavita (novela) — Ed. Paulinas, S. Paulo.

A Maravilhosa História de São Cistóvão (lenda) — Vozes,
Petrópolis RJ.

Dedo Grosso (novela) — edição em estudo.

A Casa dos Jasmins (crônica) — edição em estudo.

A Primeira Comunidade Alemã Em Santa Catarina

Se a localização da primeira colônia européia no interior de Santa Catarina resultou tão infeliz a ponto de comprometer todo o desenvolvimeto da mesma, foi porque inicialmente a preocupação pelo progresso e bem-estar daqueles lavradores viu-se postergada a razões de Estado.

O que o Governo da Província, autorizado pelo Primeiro Império, resolveu levantar ali, há 145 anos, constituiu investimento caríssimo em sacrifício e sangue.

Útil será recordá-lo nesta década em que transcorre não apenas o sesquicentenário da Independência, mas ainda o sesquicentenário da imigração alemã no sul do País, a região que integra a faixa mais industrializada, desenvolvida e culta do Brasil.

De presença mais reduzida no mapa do Sul, tem Santa Catarina a marca mais visível e densa, e por isso mais falada, do industrioso esforço de sangue alemão, embora o homem de origem germânica seja muito mais numeroso no Rio Grande do Sul.

A primeira agro-vila de colonos europeus em solo catarinense foi a alemã de São Pedro de Alcântara, a uns 35 kms de Florianópolis. A data de sua efetiva fundação é o domingo 1º de março de 1829, quando José Silvestre dos Passos, o imperial medidor de terras, depois 1º diretor da Colônia, anunciava, com um bilhete, a presença dos primeiros colonos na mata, naquele dia ali chegados. Apesar do insucesso do planejamento, a despeito da insuficiência e desorganização das metas, asfixiadas em burocracia e descaso, a Colônia de São Pedro de Alcântara, assim denominada em homenagem ao Primeiro Imperador, fixou o exemplo histórico da fibra de uma comunidade. Não foi apenas a pioneira da colonização em nosso Estado. Tornou-se aqui a célula-máter das colônias alemãs, depois ramificada, e o berço de algumas famílias patriarcais, de que brotariam, embora não nascidas em São Pedro, figuras notáveis do nosso cenário histórico, político e religioso, como os Lauro Müller, os Raulino Horn, os Irineu Bornhausen, os Felipe Schmidt, os Gustavo Richard, os Bonifácio Schmitt, os Evaristo Arns, todos de troncos inicialmente plantados em São Pedro de Alcântara, homens de governo, industriais, um cardeal da Igreja, duas dezenas de sacerdotes. É de São Pedro que se espalhariam também, aos milhares, por todo o Estado, os descendentes daqueles primeiros "Kolonisten" que, junto com os de outras etnias, seriam sustentáculo da economia e da sobrevivência de outros tantos milhares, desde o mais modesto e anônimo plantador de milho, até o mais falado e influente industrial.

Nascera a idéia bem antes da Independência. Em 1771 surgia nos campos de Lages o bandeirante paulista capitão-mór Antônio Correia Pinto, com a incumbência de ali fundar um núcleo de povoamento. Em vista desta perigosa incursão para o sul, e sob protestos do próprio Governador

da Capitania de São Pedro do Rio Grande, a vila de Lages ficou pertencendo à Capitania de São Paulo: do litoral catarinense, era a distância superior a 200 quilômetros de sertão bravio e totalmente desconhecido, sem comunicação mínima com o Desterro. Desde fins do século 18, cogitava o Governador da Capitania de Santa Catarina, Tenente Coronel João Alberto de Miranda Ribeiro, estabelecer, sertão a dentro, “dois núcleos de população”, não apenas para fins militares, mas também para tentar uma via de acesso até Lages, que na realidade sómente a partir de 1820 passou a integrar administrativa e politicamente a Província de Santa Catarina. Entrou em estudos a viabilidade do projeto pelo menos de uma colônia, já porque em 1787, seis anos antes de João Alberto haver feito o plano, o Governador Pereira Pinto enviara o alferes Antônio José da Costa litoral adentro, rio acima, “abrir uma picada” (1). Com a morte do Coronel João Alberto em 1800, entrou o projeto em prolongada hibernação durante 28 anos. E só depois de mais ou menos consolidada a Independência do Brasil é que se pôde cogitar de ir em busca de agricultores europeus não portugueses; pois, na realidade, antes disso, o Governo da Capitania, legalmente, só podia contratar para a empreitada famílias açorianas há muito tempo já presentes em nosso litoral, ou então outros lusos vindos do Reino expressamente. Difícil saber os motivos, se motivos houve, por que, desde o início, não se decidiu a penetração ao longo do rio Cubatão, quase paralelo ao Maruí (ou “Imaruhy”); ao longo do primeiro, como depois se viu, mais fáceis, porque bem mais planos, eram os terrenos para o cultivo, sendo que por lá, faz mais de um século, corre a principal via de comunicação entre a capital e os campos de Bom Retiro e Lages. Estava escrito que o pequeno rio Maruí veria, desde a sua nascente no Barro Branco, o desabrochar da primeira colônia alemã em nosso Estado. O colono europeu visado foi o alemão, talvez, inclusive, devido ao sucesso da Colônia de São Leopoldo, estabelecida no Rio Grande do Sul quatro anos antes, quando ainda vivia nossa primeira Imperatriz, Dona Maria Leopoldina, de sangue germânico. Embora as colonizações desse tipo, hoje, sejam consideradas, como devem ser, patrióticos e necessários empreendimentos de integração de todo o solo nacional, terá de fixar a História que para a fundação da Colônia de São Pedro de Alcântara prevaleceram, inicialmente, razões políticas e militares, condicionadas pelo próprio momento histórico nacional em fins do século 18 e começos do 19. Já pelos anos de 1777, com a ocupação da Ilha de Santa Catarina pelos espanhóis, fugira do Desterro e estabelecera-se no continente fronteiriço o Governo Militar de emergência, sem possibilidade de embrenhar-se mais para o interior como desejava, em operação de defesa, porque no interior ainda não havia condições. A verdadeira razão de ser daquela colônia primeira, por ser localizada continente adentro, já o Tenente Coronel João Alberto de Miranda Ribeiro havia explicado: “É inegável que do interior daquelle Paiz se podem fazer mil ostilidades aos Inimigos, até os destruir por meio de uma pequena guerra, mas é necessario ter com que se possa subzistir nelle. Dahi a necessidade que áde se promoverem alli plantaçoens” (2). E o futuro arraial de São Pedro de Alcântara, rodeado de colinas providencialmente, se necessidade surgisse bem depressa se transformaria em núcleo de defesa militar! Incumbia ao Governo Central

(1) *Mattos, pág. 37.*

(2) *cit. em Mattos, pág. 38.*

arregimentar os colonos. João Alberto já enviara continuas representações escritas à Côrte. Entretanto, mudada, com a Independência, toda a situação política do País para mais tranquilidade, os fins que agora vinham nortear o estabelecimento de colonos em São Pedro de Alcântara já eram de paz. O caminho para Lages, realmente, que significaria o primeiro passo para a integração daquele planalto com o litoral catarinense, entrou a motivar e a justificar o primitivo plano (1).



Monumento comemorativo do Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina
(São Pedro de Alcântara 1929)

Assim aconteceu que somente em setembro de 1828, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Medeiros, imperial Inspetor da Colonização Estrangeira (até este cargo havia na Côrte), pôde receber no porto do Rio de Janeiro o navio alemão "Johanna Jakobs", que trazia, embarcadas em Bremen, as primeiras 146 famílias alemãs destinadas a Santa Catarina, perfazendo um total de 523 pessoas (2). Do Rio, foram despachadas pelo bergantim "Marquez de Vianna" e pelo brigue "Luiza" com destino ao Desterro, onde aportaram, respectivamente, a 12 e a 7 de novembro. Foi

- (1) *Não entra nos fins desta crônica estudar os métodos de que se serviu o Governo do Primeiro Império, e os seus homens na Europa, para arregimentar os colonos alemães.*
- (2) *A este total de alemães, entre eles muitas crianças, devemos ajuntar "93 indivíduos que tinham sido praças dos batalhões dissolvidos no Rio de Janeiro, assim como 19 do batalhão 27º, também dissolvidos nesta Província", conforme narra Paiva em sua Memória (veja-se a bibliografia). Assim, embora nem todos tenham chegado até São Pedro de Alcântara, destinavam-se originariamente à fundação da Colônia nada menos do que 635 pessoas. (Paiva erra no cálculo, quando dá o total de "625 alemães".)*

grande e compreensível a satisfação do Presidente Brigad. Francisco de Albuquerque Melo e das autoridades do Desterro. É que, na época, toda a Província, depois Estado de Santa Catarina, não contava mais do que 20.000 habitantes num território três vezes maior do que a Bélgica. No interior, e muito distante como vimos, havia somente a vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lages, e de povoaamentos no litoral só havia a cidade do Desterro, mais as freguesias de São José, de São Francisco do Sul e de Santo Antônio dos Anjos da Laguna.

Nossos primeiros agricultores provinham da Renânia meridional; parte do assim chamado "Hunsrück", parte das margens do rio Mosela mais ao norte, lendária terra, onde a vizinhança dos rios Reno, Mosela, Saar e Nahe criavam clima de planície feraz em toda espécie de produtos hortigranjeiros, assim como para a pecuária, e onde, pelas colinas, os vinhedos peçados se adensavam, em largas manchas verdes, pelas encostas. Já a partir da primeira metade do século 19, e logo de início, haviam descido dificuldades sobre aqueles colonos às margens do Mosela. Nova política agrária acabava de introduzir ali a mudança de estruturas que favorecia o minifúndio, dificultando a pecuária, parcelando as velhas glebas patriarcais sem condições de futuro, em face do aumento demográfico notável em toda a região. Com isso, cortavam-se privilégios de clãs familiares, o que veio abrir desarmonias onde antes existia a paz. Como gravame, sobreveio na época um inexplicável apodrecimento da batata, tendo por sequela doenças epidêmicas, aftosa no gado e, o que espanta, uma carestia de proporções ali hoje inimagináveis, criando por fim, a reboque da industrialização que irrompia do norte ameaçando de abalo toda a estruturação agrária na Renânia do sul, a alternativa cruel da imigração. O fato é que os exércitos franceses revolucionários tinham trazido a morte do regime feudal, também ali. Historiadores há que apresentam Napoleão como indiretamente culpado pelo deterioramento da situação, quando mandou introduzir a vacinação obrigatória das crianças. Como na mãe-pátria francesa houvesse oposição à medida, a Renânia, ocupada e pertencente à França, tornou-se a cobaia da experiência, provocando o decréscimo vertiginoso da mortalidade infantil muito acentuada até então, o que explica o aumento das famílias a que há pouco aludimos e o conseqüente decréscimo de "*Lebensraum*", o espaço, pressuposto do conforto, de que os alemães sempre se revelaram ciosos. Este angustiamiento geográfico e este estrangulamento do jardim acabaram por transformar a propriedade unifamiliar em multi-familiar. Por fim a política florestal, também nova, vinha golpear a silvicultura medieval ainda em uso, abolindo os privilégios na exploração das florestas, e completava toda uma série de fatores adversos que conspiravam contra o agricultor alemão também na região do Mosela. Já bem antes da "fetre brasileira", numerosas famílias haviam deixado o Reno e o Mosela, emigrando para os Países Balcânicos, num fluxo de imigração bem grande, que terminou, pelos anos de 1840, por tomar a direção dos Estados Unidos da América do Norte. Antes disto, entretanto, soube-se que o "Kaiser" do Brasil, cuja esposa, a "Kaiserin", era uma austríaca, estava convidando agricultores alemães para os climas temperados no sul daquele imenso país. Foi uma bomba de entusiasmo. Apresentaram-se logo mais de cem famílias. Entretanto, ainda era refletir. Emigrar de sua terra não era fácil. Casos houve, em que a licença de emigração (*Auswanderungssconsens*), já expedida em

1820, sómente oito anos mais tarde pôde ser usada. Aconselhar-se com os outros, preparar toda a família, desfazer-se sem danos do pequeno imóvel e da propriedade, ou do que na propriedade pertencesse ao emigrante em benfeitorias, criação e lavoura, aguardar ordem de embarque em Bremen, quando o primeiro desses navios partisse — tudo demandava paciência e tempo. Mas a miragem do paraíso sul-americano, com terras de graça, sementes e ferramentas de acréscimo, mais as outras famílias que também iam, e sempre a latejar na vida a impossibilidade de continuar na Alemanha, eram condições que acabaram se impondo às últimas resistências emotivas e convidavam poderosamente para a aventura. E um dia a despedida chegou. Era o abandono de um torrão apesar de tudo amado e dolorosamente cedido a outros; era o túmulo dos antepassados; era a varandinha dos velhos encontros familiares e amigos; era a penosa demanda do porto de Bremen, tão desconhecido e longe ao norte, com a mulher e os filhinhos (1); era o tumultuado embarque, depois de semanas de espera na cidade, bom treino para a espera mais longa e enervante, depois, no porto do Desterro; depois, era a terra pátria esfumando-se aos pedaços, sempre à maior distância, nas brumas mornas de agosto; o alto mar com dias intermináveis de aperto a bordo e enjoos de angústia toda-a-família-doente; crianças entupindo o convés com ânsias de chegar ao fim da viagem; os dias com dias de atulhada hospedagem no Rio de Janeiro tudo-gente-estranha; o novo embarque para o sul, dois navios pequenos balançando ao capricho do mar, enjojo, desinteria, febre nas crianças; finalmente, o definitivo desembarque num pequeno porto sulino, atravancado de canoas e apetrechos de pesca, em meio à curiosa multidão tudo-gente-morena-e-preta. Era a terra prometida. Desterro... Estranho nome para o destino dos viajantes da esperança! A verdadeira epopéia só agora se largava pesada sobre a cabeça desses jovens pais, louros semeadores do progresso dali por diante suadíssimo, que cinco gerações mais tarde colheriam seus descendentes. A Alemanha estava começando seu primeiro investimento em Santa Catarina. Estava escrito que seria um investimento em sangue sem incentivos fiscais.

Os passageiros do “Marquez de Vianna” é que propriamente foram os fundadores da Colônia de São Pedro de Alcântara, já porque dos que haviam chegado pelo brigue “Luiza” muitos tinham adoecido a bordo, e foram encaminhados à Armação da Lagoinha, “livres de comunicação com quaisquer outros; devendo assistir aos que precisarem, com medicos, botica e hospital, tudo na referida Armação, para o seu tratamento” (2). Os que haviam descido do “Marquez de Vianna” foram provisoriamente hospedados em alojamentos militares da Ilha e em São José. Ali ficaram à espera os colonos, impacientes e já em parte desanimados; pois não foram logo encaminhados a seu destino, como sonhavam há tantos meses. É que na mata ainda não havia condições humanas mínimas para o alojamento, posto que precário, de alguns colonos ao menos. Na Côrte, as coisas iam

(1) Ao afirmar que estes imigrantes “tinham quase todos a procedência de Bremen”, tanto Mattos (pág. 41) como os que dele se serviram para narrar a história, usam expressão ambígua. Estes alemães só “procediam” de Bremen como porto de embarque.

(2) Mattos, pág. 41.

lentas. Dona Maria Leopoldina falecera fazia dois anos. Senão, a loura princesa de sangue germânico, à guisa de Ester, talvez houvesse intercedido por seus irmãos de raça. Mas também na capital da Província a morosidade da Côrte em cumprir promessas feitas semeou desânimo. Cá e lá, na realidade, a fundação da Colônia revelou-se desorganizada desde o começo. Assim, escoaram-se os últimos 50 dias de 1828. E o Natal. E o Ano Novo de 1829. Janeiro, fevereiro, março. Com mulher e filhinhos, ora juntos, ora separados de seus companheiros, rolando daqui, empurrados dacolá — em livro nenhum ou crônica está escrito como viveram, como se defenderam, como sobreviveram e o que fizeram no Desterro durante aqueles meses mais longos de sua vida. Entregues agora às autoridades da Província, atingiam a estas próprias as queixas que se enviavam aos serviços de colonização de Sua Majestade o Imperador Dom Pedro I, “pela morosidade das decisões procedentes do governo central, e que hoje mais que hontem, mais se agravam, pelo complexo e vulto dos casos” (1).

Conta Mattos (2) que um dos colonos alojados na Lagoinha, de nome Carl Payekem, o qual “teve depois decisiva influência na Colônia”, adiantou-se e dirigiu ao Presidente Albuquerque Melo, já prestes a deixar o governo, uma petição escrita em inglês, assinada por mais 29 companheiros, onde se rogava que, depois de tamanhas delongas, fossem finalmente transferidos os colonos para o seu destino final: “Quanto elles tem soffrido, desde que sahirão de sua patria, que há quase um anno e não podem deixar de recear que o tempo que aqui tem de estar lhes será tristissimo. A mor parte delles troxeram sementes de proveitosas plantas, q. querem experimentar se aqui produz, mas com a dilatação do tempo, se tornão incapazes, e consequentemente perdem-se.” Assim, irritados e impacientes, homens habituados ao trabalho e agora ociosos, curtiam desgosto próprio e alheio, em busca inútil de biscates em cidade pequena, e no vexame das hospedarias promiscuas, as mulheres de repente sem lar e as crianças sem ocupação — eles que alto demais haviam sonhado encontrar em Santa Catarina tudo como se lhes tinha prometido para mais atraí-los.

Quem compulsa as poucas fontes históricas existentes, não foge à impressão de que o retardamento no envio dos colonos a seu destino se prende ao fato de não haverem providenciado em tempo a abertura completa necessária para a demarcação das datas destinadas a mais de cem famílias. Um dos vigários de São José e dos poucos historiadores da Colônia, o padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, em sua afamada memória histórica de 1848, assim descreve aquele serviço: “O inspetor da colônia, apenas recebeu ordem e instruções com que devia dar princípio a sua comissão, marchou a explorar o terreno para o futuro estabelecimento: Logo que chegou às terras devolutas, depois de tê-las examinado minuciosamente, escolheu o lugar que lhe pareceu mais azado para servir de logradouro público ou arraial, e aí demarcou um quadro, em cujo meio deixou uma pequena praça bordada de duas ruas, que denominou, uma de São Pedro de Alcântara, e outra de Albuquerque. Em seguida fêz levantar vinte palhoças, para nelas receber os colonos, até que estes fizessem casas

(1) *Mattos*, pág. 46.

(2) pág. 49-50.

dentro das datas que lhes deviam ser demarcadas... Cada uma data foi regulada de 50 a 100 braças, segundo o número de pessoas que continha cada família; todas porém com 750 de fundo, marcado a frente das referidas datas a estrada que conduz à vila de Lages... Ao princípio amedrontados pela notícia de que os indígenas freqüentavam os lugares que lhes eram dados para seu estabelecimento, recusaram sair da cidade. Este terror poderia fazer malograr a empresa, se o presidente da província não os animasse, marcando uma diária de 160 réis a cada alemão que subisse para o lugar da Colônia. Este incentivo teve ótimo resultado. Os colonos imediatamente anuíram à proposta, e os indígenas, que infestavam aqueles sitios, foram fugindo de semelhantes vizinhos." Nenhuma outra crônica fala da presença de índios antes da chegada dos colonos (1). O padre Paiva apresenta o saldo diário de 160 réis como estratégia e chamariz usado para atrair os imig antes temerosos. Neste caso, não foi muito digna ação; pois os herdeiros dos fundadores da Colônia de São Pedro de Alcântara até hoje esperam esta diária, que em tempo algum foi paga a seus antepassados.

Menos os "indígenas" do que a impaciência e o desgosto fizeram com que, "de 146 famílias que se destinaram a formar a nova colônia, 14 se deixaram ficar na cidade e seus arrabaldes, e por isso só 132 datas foram demarcadas para igual número de famílias" (2). Por este cálculo descobrimos que, mesmo assim, desobedecendo a planos iniciais, algumas famílias vindas pelo brigue "Luiza" também foram associadas às do "Marquez de Vianna", para, com estas, integrarem a primeira comunidade alemã em Santa Catarina.

A 1º de março de 1829 finalmente, acompanhados do inspetor Passos, estavam na mata os primeiros dos fundadores da Colônia (3). A incrível e desconhecida epopéia, a que está faltando a devida glorificação histórica, teve início quando os louros bandeirantes germânicos, com suas famílias, descendo do carro de boi, ali arriaram suas trouxas e reacenderam suas esperanças. Nem os acicava miragem do ouro e esmeraldas. A pouco habituados dessas cruezas, a tudo dispostos, vinham buscar apenas oportunidade nova para suas jovens forças ansiadas por trabalho, afim de poderem criar ali a pátria nova para seus filhos e netos. Amordaçando saudades ainda, mal escapos à ralação da espera torturante no Desterro, aqui nestes confins de Deus logo procuraram adaptar-se a uma vida de início sem dúvida selvagem. Na sua língua espirituosamente se dizia: "man muss mit den Woelfen heulen". Como ali não havia lobos,

(1) Mattos (pág. 46) contradiz Paiva, ao escrever: "Em S. Pedro, pode-se dizer, não havia o temor do gentio".

(2) Paiva, folhas 197.

(3) Acrescenta Mattos: "Não se pode, infelizmente, precisar a data relativa à primeira entrada dos colonos, o que viria, certo, marcar como ponto de partida o aniversário da fundação da colônia... A 1 de março (Passos) comunica já estar no sertão, sem precisar o dia da entrada" (pág 44). Há, portanto, uma única data certa para comemormos o verdadeiro início da colonização alemã em Santa Catarina: o 1º de março do ano de 1829. O desembarque no Desterro, em 1828, não pode ser considerado como início da colonização.

serviam os bugios, por sinal sempre numerosos. Então, era preciso camaradar com os bugios. Era a vida duríssima e sofrida de todos os pioneiros.

Inicialmente alojados nos barracões cobertos com folhas de palmeira, afanavam-se todos em levantar, nas datas que lhes foram destinadas "estrada" acima, uma coisa que já pudesse chamar-se casa naquelas circunstâncias, por simples e provisória que fosse, seu primeiro "lar" brasileiro, com o primeiro berço aqui fabricado com madeira verde, o primeiro pão aqui amassado com o primeiro precioso milho, que o bugio e o periquito já espreitavam na primeira suada rocinha. E enquanto os primeiros ali chegados, já donos de seus lotes terminavam a primeira choça para morar, nas vinte palhoças coletivas levantadas por Passos e seus negros abria-se novo espaço para que subissem do litoral os que ali aguardavam sua vez. No fim, era muita gente: mais de 130 famílias, quase todas elas já com filhos menores nascidos na Alemanha, mais os ex-soldados alemães dos dois batalhões dissolvidos. De início, arraial acima, 2 léguas, e para além de seu prolongamento na vila de Santa Filomena também em formação, até o divisor das águas no Barro Branco, mais 1 légua, eram pouco mais de 500 pessoas povoando a estradinha até as nascentes do Maruí.

Viram logo os colonos que toda a região não era apenas acidentada, mas ainda muito pedregosa, dificultando qualquer lavoura. A própria séde do arraial de São Pedro, a futura freguesia, apresentava-se apertada entre colinas, com pouco futuro de tornar-se algum dia um centro maior. E os alemães recém-vindos perguntavam se não havia em toda a Província de Santa Catarina terras mais próprias de amaino e plantio. Havia muito mais, e bem melhores. Entretanto, ficara decidido pelos escalões superiores que o "caminho do sertão" em demanda dos campos de Lages devia passar por ali. Era a razão da Colônia Imperial de São Pedro de Alcântara por eles fundada. Na verdade, poucos anos mais tarde o governo veio a construir, na mesma direção dos campos, uma estrada pararela até o alto das Taquaras, bem mais fácil, e hoje a principal, que subia o vale do rio Cubatão, de planícies largas, de menos pedras e mais águas, região muito bela, Rio dos Bugres acima. A infeliz escolha de terras tão infelizes para a primeira colonização européia no interior de Santa Catarina deixou São Pedro de Alcântara, até hoje, sem condições de evoluir economicamente. E como o social acompanha o econômico, a fundação quase sesquicentenária continua vila muito modesta, gozando o benefício de uma boa estrada estadual, de trânsito também modesto (1).

Em 1829, as dificuldades iniciais levaram algumas famílias a emigrarem de São Pedro no mesmo ano; outros ainda, desejosos de ficar, nas terras que lhes foram destinadas não descobriram águas suficientes para a movimentação de sua economia, ou falta de condições aceitáveis para o plantio, e por isso dali se retiraram, indo escolher terras mais baixas na

(1) *Do novo prejuizo que sofreu a Colônia com a abertura da nova estrada, Santo Amaro, Rio dos Bugres e Taquaras acima, pelo ano de 1845, fala até mesmo Karl Heinrich Oberacker, em sua volumosa obra "Der Deutsche Beitrag zum Aufbau der Brasilianischen Nation" (448 pgs., S. Paulo, 1955): "Quando a pequena estrada... foi deslocada, (S. Pedro de Alcântara) perdeu sua importância". (pág, 241.)*

própria Colônia. A maioria absoluta dos colonos ficou onde estava. Nenhum deles se via sozinho, a gente se ajudava, eram solidários para o que viesse. O investimento estava feito. Que produzisse agora os frutos que pudesse produzir. O machado, a foice, a enxada, a persistência. Com a vontade férrea de plantar vida nova num clima em todo o caso bem mais vasto e muito mais livre, descobriram que, apesar de tudo, na realidade aquelas terras virgens estavam à espera deles há milhões de anos, e, por serem incultas, eram soberanamente mais carregadas de promessas do que as cansadas glebas européias, as quais por isso mesmo eles haviam abandonado. E o mundo inteiro já sabia que não existe colonização sem problemas. Demais, todos eles tinham trazido em seu sacco de imigrantes uma cultura de ali-cerces milenares, dispostos a enxertar em novo chão de cepa latina a contribuição vigorosa dos valores germânicos, crédito de uma raça antiga, e que marcariam fundo, daí por diante, toda a paisagem humana no sul do Brasil.

Sabiam mais que, tanto na Europa como na América, qualquer pedaço de chão, por mais rico e prometedor, nada produz sem antes embeber o suor do homem. E por isso sabiam que, tanto no dicionário alemão como no da nova língua, o fruto só está depois do esforço. Também trouxeram a fé. Aos domingos, liam a Bíblia, a velha Bíblia de seus antepassados. Em seu sacco de emigrados, talvez não houvesse lugar para outro livro. E ali estavam escritas coisas assim: "E disse o Senhor a Abraão: sai da tua terra e do teu parentesco, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande Nação!"

Construíram então, e muito cedo, sua primeira obra comunitária, nascida da contribuição de todos, a primeira igrejinha no alto da colina. Era tosca, de madeira bruta, e o vento sul soprava pelas gretas nos domingos frios. Mas eles sentiam necessidade de se robustecerem na esperança e de continuarem unidos. De todas as promessas que já na Alemanha lhes tinham sido feitas, só uma foi cumprida, a das terras gratuitas e da madeira quanta precisassem cortar. Não receberam nem as ferramentas, nem a diária, nem as sementes.

Miguel de Souza Melo e Alvim, Presidente da Província de 1830 em diante, taxava de "indecoroso" o procedimento do Governo Imperial em relação aos colonos de São Pedro, e fez várias representações escritas à Côrte. Na de fevereiro do mesmo ano, 11 meses após o início da Colônia, escreve que "seria melhor desenganá-los por uma vez, e renunciar definitivamente ao projeto de fundação de alguma nova colônia." Na quarta petição, reafirmava seus propósitos pessoais de ajudar à colônia, "cujos habitantes são bons e laboriosos, mas estão soffrendo as maiores mizerias, por motivos que elles não tem culpa". O melhor cronista dos acontecimentos iniciais em São Pedro, Jacinto de Matos, referindo-se às dificuldades internas na Colônia, que vieram somar-se às externas, alude ao "pessimo systema de agentes recrutadores, que só calculavam o lucro por cabeça de individuo exportado", referência feita certamente à conduta dos ex-soldados entre os colonos. O mesmo já escrevera Melo e Alvim: "A conduta daqueles foi péssima; a destes não pode ser melhor, com pequenas excepções. Estou convencido que de soldados solteiros se não podem fazer nunca bons colonos lavradores... Se não tivessem evadido já quase todos, só serveriam

de contaminar e perverter os primeiros, com os seus vícios e pessimos costumes." Evidencia-se, pois, que havia desordeiros indesejados dos colonos, dificultando socialmente o já difícil começo material da colônia. Contam crônicas a história do imigrante Guilherme Kron, individuo dado ao álcool, que se dizia médico dos colonos enfermos, mas era incapaz de curá-los, viciado ele próprio no "uso excessivo de licores espirituosos", e vítima de "alienação" conforme o descreve Passos, o medidor oficial das terras, e que era, ele próprio, o primeiro a queixar-se da "falta de ferramentas e recursos" (1).

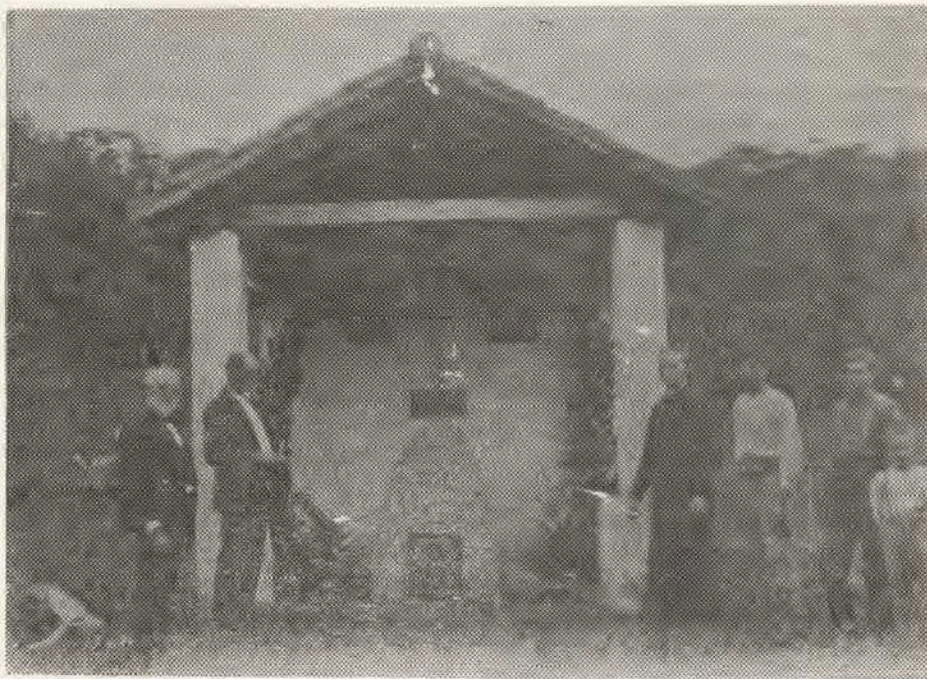
Mal estavam os colonos colhendo de seus primeiros roçados e, nos seus quintais à beira-rio, as hortaliças pujantes que nunca dispensavam, caiu sobre São Pedro de Alcântara, a 15 de abril de 1830, um temporal devastador com granizo, cortando-lhes a maioria das lavouras. A 13 de novembro do mesmo ano, desceu outra tempestade bem mais ruínosa, inflingindo desânimo. A terceira devastação veio a 15 de dezembro do mesmo ano: a lei que proclamava "abolida em todas as Províncias do Império a despesa com a Colonização Estrangeira". Era o presente de Natal que as Côrtes reservaram aos colonizadores chamados de tão longe.

Assim, colonos de São Pedro começaram a emigrar: Santo Amaro da Imperatriz; Teresópolis (hoje Queçaba); Rio dos Bugres, em cujas proximidades, em 1847, foi fundada a Colônia Santa Isabel; Anitápolis; Gaspar; mais tarde até mesmo Brusque — estas localidades e, devagarinho, um pouco por toda a parte em Santa Catarina, o solo foi recebendo a sementeira do braço forte de algum colono de São Pedro de Alcântara. Mas, por outro lado, a Colônia também recebeu emigrados de outras comunidades já constituídas ou por constituir-se.

Em 1º de dezembro de 1830 toda a Colônia de São Pedro, como resultado do recenseamento realizado por João Henrique Soechting, o segundo diretor, acusava a presença de 652 habitantes: 377 homens e 275 mulheres, que se distribuíam sobre 168 famílias, residentes ou na sede, ou ao longo da estrada, ou no Alto Biguaçu, uma região vizinha de futuro povoamento, porém mais acidentada ainda do que São Pedro. A comunidade se robustecia, em quantidade e força, já preparada para suportar outros golpes, como o da saída simultânea de 11 famílias, assim narrada pelo padre Paiva em sua memória: "No ano de 1836 onze famílias alemãs, deixando as datas que lhes tinham sido concedidas no Maruí, pediram e obtiveram outras, posto que mais limitadas, nas margens do rio Cubatão. Aqui reunidos os novos povoadores começaram por prestar não pequeno serviço, fazendo com a sua presença desaparecer os indígenas, que ainda de vez em quando infestavam esses lugares. Feitas algumas derrubadas, formaram como uma pequena colônia, que hoje promete esperançoso futuro, não só pela fertilidade das

(1) *Estas e outras queixas de Melo e Alvim encontram-se em Mattos, a páginas 53-57. No elenco das despesas que até o dia 31 de dezembro de 1880 o Governo Imperial fizera com as colônias da Província de Santa Catarina, nossa Colônia figura com 28:220\$232, ao passo que das outras 8 colônias arrolhadas, recebera cada uma, até então, quantias entre 229:501\$730 e 3,920:089\$843. Tal foi o interesse "oficial" pela imperial primeira colônia alemã em Santa Catarina. (Mattos, pág. 36.)*

terras e indole de seus cultivadores, como pela vizinhança em que está com a nova Colônia de Santa Isabel, que se vai estabelecendo nas margens do rio dos Bugres e proximidades da Serra de Boa Vista." O mesmo vigário de São José, após uma de suas costumeiras visitas ao interior de sua vasta paróquia, redigiu então sua notável memória histórica, mais tarde publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Conta o padre Paiva:



O que sobrou da primeira capela de Santa Bárbara, que os colonos levantaram acima do arraial da Colônia, em 1838. Esta foto é de 1924.

"A 26 de maio de 1845 fizemos ali a nossa primeira visita pastoral, e no espaço de seis dias tivemos ocasião de examinar minuciosamente o estabelecimento e admirar os costumes desses homens nascidos na antiga Germânia, e por um capricho de fortuna arrojados aos sertões e florestas do vasto Império de Santa Cruz... Ao entrar no arraial da colônia não se oferece outra vista além de uma larga rua, que conterà vinte edificios, e cujo intervalo serve de praça; porquanto os alemães, apartando-se do risco que lhes dera o inspetor Passos, julgarem mais conveniente estender-se pela margem do Maruí. Contudo, ainda que pequeno o arraial, apresenta um agradável e interessante aspecto, máxime nos dias em que os colonos aí concorrem para a celebração dos officios divinos. Durante o sacrificio da missa... não pude deixar de sensibilizar-me a ver até os meninos de seis anos cantar de cor muitos dos salmos, pronunciando admiravelmente as palavras latinas. A um dos lados da igreja está o cemitério, onde além de uma grande cruz plantada... observei outras muitas, porém pequenas, fincadas sobre cada sepultura, e todas enfeitadas de flores e festões de papel picado, muito principalmente as que assinalavam os jazigos de inocentes. Enquanto dura a visita pastoral... os colonos, católicos romanos, à execução de três ou quatro famílias luteranas, não perdem um só dia de missa... para

que desprezam a longitude de três e quatro léguas, muitas vezes por caminhos intransitáveis. É para sentir que esses homens venham de tão longe exprobrar-nos a nossa indiferença pela religião, dando-nos sólidos exemplos da observância que devemos a seus preceitos, únicos e preciosos laços que unem a sociedade humana."

"Por uma resolução da Assembléia Provincial de 1844, a Colônia de São Pedro foi elevada a freguesia sob a mesma denominação... Nesse tempo os colonos, querendo também partilhar da munificência de S. M. o Imperador, dirigiram-lhe um requerimento, pedindo-lhe uma esmola para a reedificação da nova matriz; o digno monarca, pronto sempre a fazer generosos donativos em prol dos templos e estabelecimentos pios, os acolheu favoravelmente, indagou com interesse a respeito do estado da colônia, e mandou entregar ao presidente da Província certa quantia para ser aplicada ao concerto (*sic*) da matriz de S. Pedro de Alcântara. Os alemães ficaram encantados da afabilidade com que o Imperador os recebeu (*tratava-se já de Dom Pedro II*), e não cessaram de falar do augusto filho da arquiduchessa Leopoldina — assim se exprimiam em referência à virtuosa primeira Imperatriz do Brasil de saudosa recordação."

"Os colonos de S. Pedro de Alcântara são em geral industriosos, amantes do País que os abriga e inclinados ao trabalho, ao qual começam a aplicar-se na mais tenra idade. Amigos de seu cômodo, nada valem a seus olhos as diferentes modas do trajar. Tendo a cabeça coberta e os pés agasalhados de grossas meias e impenetráveis sapatões, aparecem em todo lugar e com desembaraço, trajando vestidos talhados pelo mesmo molde do que usavam, quando aqui chegaram há perto de vinte anos. Nenhum colono deixa de entender mais ou menos deste ou daquele officio mecânico; e a maior parte, além de falar sofrivelmente o português, sabe ler, escrever e contar em seu idioma, tendo por isso o cuidado de possuir sempre consigo um mestre alemão, para instrução primeira dos filhos. Muitos também costumam mandar os filhos freqüentar escolas brasileiras. Homens sumamente francos, máxime para com os brasileiros, conservam constantemente abertas as portas de suas casas, e aí todos entram sem outra formalidade que a de tocar a aba do chapéu, pois os alemães poucas vezes o tiram da cabeça. Qualquer indivíduo, ainda que desconhecido seja, pode entrar na casa do colono e percorrê-la toda, sem que isto seja por ele estranhado. São amigos de passar bem, a avareza entre eles é desconhecida. Contudo, reina ali um costume, que de alguma sorte desmente a franqueza e bondade que os caracteriza, a saber: qualquer colono, comendo ou dormindo em casa de outro, tem no dia seguinte de pagar hospedagem, salvo se é parente próximo do dono da casa. Entretanto, se o hóspede é brasileiro, tratam-no com o maior agrado, e não lhe exigem dispêndio algum. O motivo desta diferença, dizem eles, é o antiquíssimo costume do seu país entre a gente do campo, costume que não exercem com os brasileiros, porque estes também os hospedam com afabilidade, sem precisarem pagar a comida ou aluguel da cama em que dormiram."

"Torna-se digna de atenção a maneira por que um casal divide entre si os trabalhos diários. O marido desmata, roça e planta; a mulher colhe e carrega sobre os ombros, seja qual fôr a distância; e muitas vezes, enquanto esta caminha longo espaço, gemendo sob o peso da carga, aquele,

fumando em seu comprido cachimbo, marcha de mãos nos bolsos, até encontrar comprador aos seus gêneros. Os filhos de um e outro sexo, apenas deixam os desvelos maternos, começam a partilhar os trabalhos de seus pais: acordam-se ao romper do dia e têm a seu cuidado cuidar dos animais."

"Nos dias em que se reúnem no arraial da freguesia, depois de findos os officios divinos, tratam de divertir-se, ou no jogo da bola, ou dançando a favorita valsa, para o que aparece de pronto uma flauta ou clarineta, instrumental único que usam, e dão princípio ao baile. Na grande sala, que ali sempre tem toda casa, ainda que pequena, valsam indistintamente sem diferença de sexos ou idade. Qualquer pessoa, ainda que não pertença àquela comunidade, pode entrar independente de convite e tomar parte no divertimento. O músico é que interrompe a valsa, cessando de tocar, e logo passa a receber os donativos que cada qual lhe oferece, segundo a sua generosidade. Durante o festim, esgotam-se uma infinidade de copos de vinho, comprado ao dono da casa, que é sempre quem lucra com os bailes. Contudo, reina entre eles a mais perfeita união; a ordem jamais se altera, e se alguém se embriaga vai imediatamente sobre alguma calçada pagar a Morfeu o tributo da sua intemperança. São verdadeiramente unidos entre si; para prova do que basta refletir que, residindo eles há tantos anos naquele lugar, ainda até hoje não consta que tenha havido ferimentos, roubos ou qualquer outro atentado contra o seu semelhante."

"... É também fora de dúvida que a população da Província tem tido aumento considerável no decurso de quase 20 anos que temos a ventura de possuir esta colônia, composta de indivíduos industriosos, pacíficos, amigos do trabalho, e que, longe de servir-nos de peso, pelo contrário têm concorrido em grande escala para o engrandecimento do País que abriu os braços para hospedá-los. À vista das vantagens que esta Província tem obtido com a colônia alemã..., forçoso é confessar que a colonização alemã é a que unicamente pode utilizar o Brasil. A Província de Santa Catarina, pela experiência de muitos anos, está habilitada, mais que nenhuma outra, para confirmar o princípio que avançamos. Nela se têm estabelecido colônias tiradas de diferentes Estados de Europa, e qual a que tem progredido à exceção da alemã? Onde estão as colônias francesas do Saí, a sarda e a belgo-brasileira? A primeira expirou no berço, e as duas últimas estão quase extintas. Portanto, ainda uma vez confessamos, os alemães são industriosos, sinceros, e a constância que os caracteriza não os deixa desanimar à vista do trabalho. SÃO ESTES OS VERDADEIROS COLONOS DE QUE O BRASIL PRECISA, para cujo engajamento se deve fazer os maiores sacrificios" (1). Adiantando tais conceitos, não podia nem desejava o padre Paiva desfazer dos que, em futuro então próximo ou ainda remoto, viriam, com seus suores, contribuir para o desenvolvimento do País, como os italianos, poloneses e japoneses. A entrada de lavradores alemães no sul do Brasil foi apenas pioneira e fundamental, como modelos que eram na exploração racional e altamente produtiva do minifúndio, por eles introduzido na vastidão imensa das terras virgens que o Brasil, também no sul, oferecia por todos os lados no começo do século 19, quando eles vieram.

(1) *folhas da memória histórica citada na bibliografia.*

Em São Pedro de Alcântara, pelos motivos já expostos, a resposta econômica a este extraordinário esforço do homem alemão não correspondeu, em momento algum, aos suores derramados. Mas os valores da união e da solidariedade no meio daquela dureza toda, uma experiência social altamente válida, um investimento de sangue merecedor do nosso mais sincero respeito, ali tiveram sua resposta. E foi esta que valeu. Se a terra não correspondia ao esforço do homem, a primeira comunidade alemã em Santa Catarina arrancou daquelas terras o máximo que elas podiam dar, e quando todas as amarguras do início épico daquelas derrubadas primeiras estavam sepultadas debaixo da terra que cobria, ali mesmo, o túmulo dos pais e dos avós, surgiu em São Pedro, da mistura das primeiras pesadas lágrimas com a oração e o suor, uma freguesia limpa, uma comunidade brilhante, que não era rica, mas era feliz, e nas suas típicas casas brancas de janelas azuis, toda a estrada acima, morava satisfeita. Se em volume de produção agrária e, muito menos, em desenvolvimento industrial, a Colônia de São Pedro de Alcântara não progrediu como sua irmã primeira de São Leopoldo (RS), ou como as outras fundações alemãs posteriores de Blumenau, Joinville, Jaraguá do Sul e Brusque, não foi dos colonos a culpa. É um exemplo histórico que não pode ser esquecido nem minimizado: falhas humanas e falhas da natureza, em condições infensas ao desenvolvimento, estimularam esses membros da primeira comunidade européia no interior do Estado de Santa Catarina a desenvolverem dentro de sua comunidade uma fibra, que se tornasse exemplo de união na adversidade. No Estado que aos alemães depois ficou devendo o volume quase inteiro de seu poderoso surto industrial, além da sua substancial contribuição para uma economia agrária invejável, o fracasso da primeira colônia deles no mesmo Estado só não foi completo devido aos brios dessa primeira gente.

O Primeiro Império dos anos de 1830, tão logo viu que a Independência do Brasil estava consolidada também internamente, sem ameaças nem ao norte nem ao sul, deixou os colonos de São Pedro entregues à sua própria sorte. Cedo, tinham seus próprios sapateiros, ferreiros, marceneiros e pedreiros. Cedo, tinham seus próprios moinhos — os rústicos engenhos de farinha, tocados a água, e suas tafonas para espremer o suco da cana, movidas a boi. Aqui e ali, nos mesmos engenhos, timidamente, começaram de apontar os alambiques. Dados à bebida, entre os alemães, eram raríssimos, conforme anotaram os cronistas. Mas a aguardente servia para muitas outras coisas e, sempre dosada medida, estimulava os escravos. Até a Abolição, algumas famílias os mantinham, mas aceitavam somente escravos adultos, a quem antes faziam batizar. Os escravos afeiçoavam-se às famílias, onde eram tratados à base da mais humana consideração, exigindo-se-lhes no trabalho nada além do esforço comum de qualquer “camarada”, como eram chamados, significativamente, os roceiros caboclos assalariados. Os escravos recebiam roupas e boa alimentação. Um considerável número desses pretos aprenderam a falar com grande desembaraço a língua alemã, ao menos na forma dialetal ali em uso, o que tornava bem mais divertido este linguajar. Nas famílias que podiam mantê-los, havia em São Pedro umas três dezenas de escravos. Com a Lei Áurea, os escravos, a contragosto, retiraram-se das casas dos colonos, mas não muito longe: um pouco abaixo da freguesia estabeleceu-se uma pequena república de paz, onde, em acives à beira da estrada, no meio dos bananais, em decentes choupa-

nas de barro, se estabeleceram essas famílias, formando a vila "Abissínia", e da qual hoje, quem por ali viaja, ainda encontra remanescentes. Alguns colonos, já volvido o século 19, contratavam, para morar em seus terrenos de frente ou nas invernadas, algumas dessas famílias a quem davam casa, e cujos chefes funcionavam como capatazes. Outros, andavam estrada acima, em busca de trabalho a machado ou foice. A mais lendária dessas figuras era um velho preto baixinho, a quem davam 100 anos de idade, e que durante muitos anos, perambulando sem parar por toda a estrada de São Pedro a Angelina, tornou-se conhecidíssimo por sua boa índole e seu alegre trato. Era o Pinheiro, ou "Cando", que gostava de meter-se onde houvesse ajuntamento de colonos, para diverti-los, ocasião em que estes, aliados aos donos das "vendas" à beira da estrada, em reprovável gesto, enchiam o "Cando" de pinga. Em tais horas de espirituosa euforia, o preto chegava a falar alemão e a dançar abraçado a uma abóbora. Faleceu na paz de Deus pelos anos de 1950.

Embora a comunidade de São Pedro de Alcântara, 20 anos depois de constituída, já possuísse, como era necessário, suas carpintarias, ferrarias, olarias e engenhos, mais um número considerável de artifices de toda espécie, depositava na agricultura sua definitiva força de sobrevivência: a exploração suada do feijão e do milho, da batata e da mandioca, da cana de-açúcar e da batata-doce. Além das vacas leiteiras necessárias, para a pecuária não havia espaço próprio. Para o trigo e o arroz, não havia terreno. Ali, o alimento base sempre foi, e na maior parte das famílias continua a ser, o pão de milho. Ao meio-dia, o feijão. Arroz, somente aos domingos. Galinha, nas festas. Bolo, a indefectível "cuca", simples corruptela do alemão *Kuchen*, nos casamentos e no Natal.

Em 1844, São Pedro de Alcântara foi elevada a freguesia, dando-lhe o padre Paiva, um ano mais tarde, uma população de 145 famílias, totalizando 700 almas. Dez anos mais tarde, novo recenseamento dava à Colônia a população aproximada de 1.509 habitantes: 300 ainda alemães natos, 1.179 já filhos destes ali nascidos e 30 escravos. Entre os 1.179 "brasileiros" devem provavelmente incluir-se umas dezenas de famílias brasileiras de origem, cujo número já em 1845 o citado padre Paiva afirmava ser de 50 na freguesia, "as quais pela maior parte compostas de lavradores diligentes, muito concorrem para o engrandecimento daquela". Jacinto de Matos, no seu livro escrito em 1916, diz que "ainda hoje pergunta-se, com razão, porque localizaram tão mal a séde de S. Pedro, em um lugar apertado e sem lugar para se estender (1)". Isto, e todo o resto sofrido, não impediu a Colônia, 20 anos depois de fundada, 20 antes de existir Blumenau, de levantar todo o comércio no mercado público do Desterro. Em determinados dias da semana, as lanchas que do continente atravessavam o Estreito até a capital, iam cheias de produtos coloniais, horti-granjeiros, ovos, manteiga, aves, cereais. Antes de o dr. Blumenau, o grande colonizador do Vale do Itajaí, haver afirmado: "hei de mostrar que o Brasil é um país para colonos como não há outro", a Colônia de S. Pedro já o tinha demonstrado, não longe de Blumenau. Nosso Visconde Alfredo d'Escagnole Taunay, que em 1884 andou por Santa Catarina, depois afir-

(1) *Mattos, pág. 50.*

mava em carta: "A colonização alemã, para mim, é a melhor sob muitíssimos pontos de vista. Com ela é que desejo forma o fundo da nacionalidade brasileira (1)". Por esse "fundo", nosso eminente romancista certamente entendia o exemplo do trabalho daqueles europeus, que compraram as foices, os machados, as pás e as sementes que o Governo lhes negara, e precisaram quebrar, pelo exemplo de um esforço hoje incompreensível, a isolação a que os condenaram aqueles mesmos que de tão longe os haviam trazido. Este isolamento foi a pior humilhação que essas famílias tiveram de arrostar, e não a mereciam. Este é o motivo por que o aculturamento dos alemães de São Pedro de Alcântara foi lento.

Para os adultos, não era fácil aprender a nova língua e afinar-se com o nosso povo. E ali, a princípio, tudo desfavorecia este aprendizado. Com alguns escravos e poucos brasileiros conviviam, que no trato diário necessariamente lhes ensinavam alguma coisa. E havia os tropeiros lageanos descendo com suas tropas para o litoral, Bom Retiro, Taquaras, Mundéus, São Pedro abaixo, onde seateavam na ida e na volta, entrando desde logo em transações comerciais com os nossos colonos, e a quem, de noite, ao fogo do rancho, contavam histórias. O povo da Renânia, como demonstra a experiência, aprende fácil o português sem sotaque, e a impecável prosódia dos lageanos, em cuja terra se fala o mais puro português, foi de valia grande para o vagaroso início da língua portuguesa na Colônia de São Pedro. Já em 1845, o Padre Paiva testemunha que a maior parte falava "sofrivelmente o português" e anota, a seguir, que "muitos também costumam mandar os filhos freqüentar escolas brasileiras". Tais escolas "brasileiras", se já existiam, não era na freguesia de São Pedro. Abandonados pelo Governo também no campo da instrução, e como não existe alemão que admita filhos sem escola, os colonos procuravam professores alemães "para a instrução primeira dos filhos". Esta desassistência de escolas na região foi tão longe, que, ainda 80 anos depois, famílias havia que mantinham professores particulares para seus filhos e os da vizinhança. Em São Pedro e, mais ainda, em outros lugares, os sucessivos governos estaduais, com tal descuido, chegaram a criar ilhas étnicas no País, acusando depois os colonos de irredentismo.

Mesmo assim, a Colônia de São Pedro, em abertura e entrosamento com gente, língua e costumes da Nação, muito se avantajou a outras colônias estrangeiras do Sul, bem mais isoladas e por muito mais tempo. Mas, embora próxima à capital, não teve a sorte de evoluir como as fundações alemãs posteriores no Estado, e que são hoje centros industriais de vasta projeção. É que São Pedro de Alcântara não deixava de ser uma fundação oficial do Governo Brasileiro, que tinha ali seus diretores nomeados e seus medidores de terras designados. Era desaconselhada, e até mesmo impossível, a ingerência de qualquer outro cidadão nos assuntos da Colônia, por inteligente que fosse. Os cidadãos inteligentes, que desde o início se fizeram presentes na Colônia, limitavam-se à influência cultural e religiosa sobre o povo. E não deixaram de exercê-la, porque possuíam ascendência mental suficiente para, sem orgulho, cumprirem sua missão na modéstia daquela moldura, colonial até hoje. Havia alguns alemães de origem francesa, entre eles os Deschamps, que em São Pedro deixaram

(1) carta publicada pela "Blumenauer Zeitung", de 3/5/1884, citada por G. Entres.

filhos e possuíam escolarização superior. Neto do patriarca Nicolau Deschamps, nascido em 1795 e emigrado para São Pedro de Alcântara, era Nicolau Antônio Deschamps, falecido em 1875, com apenas 33 anos de idade, sapateiro a principio, conselheiro de muitos colonos que o procuravam. Falava bem, escrevia bem e, cidadão de trato agradável que era, chegou a exercer liderança. Outra figura inesquecível tornou-se o professor August Schnitzler, mestre de várias gerações de jovens, homem de cultura extraordinária para aquele meio e de influência profunda sobre todos os seus alunos. Sem conhecer aposentadoria, passou os últimos anos de sua vida lecionando em Santa Filomena, em cujo pequeno cemitério, à beira da estrada São Pedro-Angelina, a comunidade agradecida lhe mandou fazer a sepultura. Quando a afamada poetisa alemã Maria Kahle andou por Santa Catarina, recolheu e mandou imprimir o discurso que o professor Schnitzler havia feito, em 1875, nas exéquias do cidadão Nicolau Antônio Deschamps, há pouco citado. Aqui uns excertos daquela oração fúnebre: "... Quando seus pais se mudaram para Blumenau, ele ficou nesta Colônia, em casa de um parente, e aqui freqüentou a escola. Parece-nos uma situação inconsolável estarmos a prantear aqui hoje a um homem, que nos foi arrebatado na flor da idade, esposo e pai de amorosos cuidados, amigo fiel e conselheiro de toda a Colônia de S. Pedro de Alcântara... Em toda esta redondeza serão poucos os pais de familia que não precisaram recorrer um dia aos conselhos do falecido, para ouvir-lhe a orientação e colhêr dele a solução de seus casos difíceis. A prova de como esta Colônia o honrava e estimava, vendo certo quem ele realmente era, está na multidão de pessoas aqui presentes a este sepultamento... Deschamps possuía numerosas e belas qualidades, que neste lugar não encontramos em todos. Refiro-me, sobretudo, a seu domínio da lingua portuguesa, seu conhecimento das leis e seu talento em redigir documentos juridicos. No meio ambiente em que vivia, isto lhe poderia ter trazido vaidade. Mas não era este o seu feitiço: sempre foi e se conservou homem modesto, lhano e afável para todos, mesmo para os que não lhe queriam muito. O fato é que por esta simplicidade sincera, alheia a qualquer cálculo, de raízes num coração humilde, ele conquistou a simpatia de muitíssimos que, durante sua curta existência, tiveram a ventura de conhecê-lo... Como jovem teuto-brasileiro, foi exemplo vivo para muitos de seus companheiros que, possuindo já alguma fortuna, alguns conhecimentos e colocação, tornam-se com isso arrogantes e antipáticos, duvidam se ainda podem olhar para os que estão mais abaixo, se ainda podem conversar com gente pobre e simples... Deschamps foi um cidadão humilde, cordial e prestativo; privava com todos em pé de igualdade, rico ou pobre, letrado ou não. Reuniu em si as virtudes de ambos os povos, evitando os vícios de ambos... Como cidadão brasileiro, zelava os interesses do seu país, empenhando-se, na medida de suas possibilidades, fiel e correto, no serviço do que ele julgava bom e útil para a sua pátria. Esta comunidade era objeto de seus cuidados; fêz por ela o que pôde, sem postergar os desvelos por sua família, esposo mais fiel, o melhor dos pais. Tal é o homem, e tal deve ser! Honremos a sua memória".(1)

(1) *Este discurso, recolhido por Maria Kahle, foi impresso em separata e distribuído à família Deschamps de S. Pedro de Alcântara, tipografia e data impossíveis de precisar.*

Aqui está, em poucas palavras, o retrato de um professor no retrato de um falecido. Ninguém melhor do que mestre Schnitzler para conhecer os defeitos de uma comunidade de colonos e o mérito de seus homens. Ele vivia no meio deles e foi, com Nicolau Antônio Deschamps, o líder intelectual da comunidade durante boa parte da segunda metade do século passado.

Líderes espirituais eram os vigários católicos que lá trabalharam, desde que, em 1846, São Pedro de Alcântara se tornou paróquia, desmembrada de São José. Foi primeiro vigário titular monsenhor Manoel Joaquim da Paixão. Mas a começar pelo pároco seguinte, padre João Mainolfo Traube, a quase totalidade dos vigários de São Pedro foram alemães ou decendentes destes. Já pelo fim do século, São Pedro possuía uma igreja matriz de estilo semi-colonial, edificada sobre a mesma colina, que desde os primórdios até hoje, ostenta, como peanha, todos os templos, cada vez maiores, que o povo construiu. Como em todos os povoados menores deste País, seja qual for a origem de sua população, a igreja em São Pedro também era o ponto máximo de aglutinação religiosa e social. Em consequência, e já devido ao intenso espírito religioso daquelas famílias, a importância e a influência do sacerdote monopolizavam a vida nessas freguesias. Sua superioridade intelectual sobre o povo, às vezes aureolada com exagero, e sua autoridade espiritual davam-lhe total ascendência sobre o rebanho, ao qual governava na linha dos princípios mais altos de fé e moral. O rebanho, por sua vez, era dócil, imbuído que estava, por princípio e desde a infância, da conceituação religiosa de toda a vida.

Não estaria nisto, também, um dos segredos da sobrevivência da Colônia de São Pedro de Alcântara como comunidade?

Os próprios costumes sociais eram controlados pelo vigário e seu conselho paroquial dos anciãos. Fora da grande festa do Padroeiro,



Colônia de São Pedro de Alcântara.
Igreja Matriz atual.

eram permitidos três ou quatro bailes por ano, todos com horário fixo. A maior parte da mocidade, na freguesia e muito além, suspirava por esses dias, contando as semanas que faltavam para poder desferrar-se de suas árduas e ásperas tarefas roceiras. A maior parte dos bons casamentos tinham nesses bailes seu início de romance. Naqueles tempos, e nas condições de comunicação em que se vivia, era muito remota, senão excluída, a possibilidade de quaisquer uniões fora daquela geografia. Só bem mais tarde, e, mesmo assim, alguns pouquíssimos afortunados aventuraram-se para bem mais longe, a fim de escaparem ao intrincado cerco de parantesco e fraquíssima comunicação no seu lugar. Por esta razão, havia uniões matrimoniais entre parentes, ao menos remotos, com resultados nem sempre positivos. É que alguns chefes de famílias, em sua compreensível teimosia de patriarcas, preferiam o conhecido ao desconhecido. Tanto assim que, ao encontrarem montada, a caminho da igreja, uma que outra moçinha enfeitada, desconhecida, perguntavam logo à esposa: "Que cavalinho é esse?"

Assim como os bailes públicos na sede da Colônia, os bailes familiares de casamento reuniam toda a parentela e a vizinhança. Nessas ocasiões, os pais dos nubentes costumavam mostrar o que tinham, não medindo gastos e desfalques no que houvesse pelos currais e pelas dispensas, contanto que as despesas em dinheiro se limitassem estritamente ao pequeno enxoval e ao pagamento das cozinheiras contratadas. Desde a volta da igreja até a noite, na casa da festa roncava o acordeão, a gaita, desfiando, com duvidosa afinação, a modinha, a valsa, o fandango. Mais comuns eram as músicas populares alemãs, que os mais velhos gostavam de acompanhar cantando, sabendo-se que o povo alemão é muito cantador, e que a Renânia, terra dos antepassados, possui as canções românticas mais belas da Alemanha.



Colônia de São Pedro de Alcântara
Imagem do Padroeiro da Igreja Matriz

Weisst Du wohl, mein Liebchen, was ich im Traume gesehen?
Sabes, amorzinho, o que eu esta noite sonhei?
Estive na floresta, com fadas eu andei...

Tief drin im Boehmerwald, da liegt mein Heimatort:
es ist gar lang schon her, dass ich von da bin fort.
Lá nos bosques da Boêmia, eu nasci e vim me embora,
já faz tempo, nem me lembro, que vou indo mundo afora.

Canções ciganas como esta, e parecidas, que despontassem na alma colona a nostalgia, por exemplo, de um grande rio e de um prado

com cerejeiras floridas, coisa que em São Pedro não havia, eram suas canções preferidas.

Ihr moegt den Rhein, den stolzen, preisen,
der in dem Schoos der Reben liegt -
Louvai o Reno com cantares altaneiros,
onde o vinhedo brilha em cachos nos outeiros.

Todo o mundo se esbamboava, os moços dançando, os velhos cantando. Os gaiteiros, geralmente, se não tocavam músicas alemãs quaisquer, improvisavam também suas pobres melodias: cinco compassos repetidos muitas vezes, com três outros para variar e terminar. Gaiteiros mais sabidos, raros, traziam de fora algum maxixe, ou mesmo um "schottisch", sacudindo com mais fogo a rapaziada e o tablado. Mas isso já era bossa. O arrasta-pê, nos casamentos, era sempre na assim chamada "sala" da casa, o maior compartimento que havia, praticamente sem uso ao ano inteiro. Era o "living" da família; por isso, era a dependência mais enfeitada e mais limpa, onde as quatro paredes ostentavam quadros e fotos de toda origem e espécie, emoldurados toscamente por algum carpinteiro parente. Certas famílias teutas tinham a mania de encher esta sala com quantidade excessiva de plantas, incluindo folhagens e trepadeiras em abafante profusão, transformando a sala em pequeno horto botânico. Para as festas com dança, "limpava-se" a sala, e ali então, o dia inteiro, janelas e portas, viviam apinhadas de curiosos, principalmente curiosas, em geral tias e comadres, que dali levavam assuntos de conversa, de permeio a fuxicos sem conseqüência, durante meio ano, até o próximo casamento. Dentro da sala, calor e poeira faziam o clima, com os noivos sentadinhos a um canto, suando em bicas com alegria de encomenda. Havia horas, porém, em que o ritual mandava os noivos, para fugirem à dureza da cadeira a que os condenavam, distribuírem broas, santa-fê, bolachinhas aos convidados, numa grande bandeja com que, de braço dado, os dois passavam, espremendo-se, por entre a numerosa assistência, a oferecer, junto com os docinhos, sua mais longa e maçante tarde de sorrisos. Antes deste ritual, no entanto, já acontecera a "janta", meio-dia passado. Havia uma única mesa, geralmente já longa, porque as famílias eram numerosas. Para tais festas, encompridava-se a mesa o quanto permitisse a "varanda", nome colonial para sala de jantar. Depois de os noivos e os mais idosos de ambas as famílias se haverem servido, a mesa se renovava de convivas quantes vezes ainda fosse necessário. Parava então a música, para recomeçar depois, mais animados os pares, até a noite. Em São Pedro de Alcântara, muitos pais de família, certamente mais do que a metade, não permitiam danças de casamento, ou permitiam-nas somente até ao cair da noite.

Todos ficavam pensando na festa seguinte. As moças principalmente, com longos agoniados suspiros, repassavam o "video-tape" do que haviam visto naquela manhã. O sonho das carretas enfeitadas ou, na melhor das hipóteses, dos carros de mola bonitos, que então, uns 90 anos depois de constituída a Colônia, os mais remediados já possuíam, e no dia estavam com festões verdes entrelaçados de florinhas, panos brancos ou amarelos pelos assentos estofados do carro, cavalos, parelha linda, pendu-

ricalhos e rosas vermelhas na testa, pela manhã ensolarada, aos solavancos na estrada, rumo à igreja. Tudo branco, alegre e sagrado. Ele firme, ela tímida, duros na roupa nova.

Na volta, sentadinhos lado a lado no meio do carro, soerguidos de beatitude, mal sentindo os corcovos das rodas duras sobre as pedras - de 1828 a 1930 aquela estrada estadual de São José até Angelina sempre foi péssima. Atrás, a fila dos outros carros e carroças, tios, tias, irmãos casados dos noivos com sua gente, irmãos solteiros a cavalo, as meninas de branco. O que Crispim Mira pensa ter observado entre os austríacos em São Bento do Sul, com mudança pouca se via também na Colônia de São Pedro e na pequena comunidade irmã de Santa Filomena, alguns quilômetros acima: "Ela, com seu vestido branco rodado, muito apertado à cintura e ao colo, com uma grinalda natural de folhas de alecrim ou flor-de-noiva, à cabeça. Ele, de gravata encarnada, jaleco, sapatão de solas dobradas... Entre as mulheres, predominam os vestidos de chita ramalhuda. As de mais idade carregam lenço amarrado por debaixo do queixo, ou caindo em triângulo sobre as costas, com as pontas cruzadas no peito. Aos homens, distingue-se o chapéu de aba larga e o paletó que é uma verdadeira perfeição. Ou tão largo, que será capaz de comportar o paciente duas ou três vezes, ou tão minguado, sobretudo nas cavas, que a pobre vítima mal pode movimentar-se. As mangas penosamente se espicham até o antebraço. As calças morrem no meio da canela, coladas às pernas, ou desaparecem nas dobras da bota de fole" (1). Os meninos, esses, usavam invariavelmente camisa de chita listada, e umas calças nem curtas nem longas, feitas para servirem ainda quando o garoto crescesse, e que então tinham a particularidade de se enrugarem na cava dos joelhos, formando fole, quanto mais usadas mais agaitadas, caídas na frente, enrugados atrás, admirável de ver, em época quando nem os tecidos nem as costureiras ajudavam.

Pouco a pouco, os costumes foram se ajeitando, e da capital do Estado, já então, vinha o exemplo. Com início do século 20, já estava bem evoluída a Colônia de São Pedro. A freguesia, ambas as ruas, ostentava longo alinhamento de casas brancas, todas de tijolos, com um só pavimento e sótão, quase todas com meia-porta de dois batentes, fechada durante o dia também, e uma porta completa de dois batentes, que somente à noite se fechava. A praça, central e única, mais tarde teve cuidados de ajardinamento com gramineas, em cujo centro havia uma fonte de água encanada, depois cingida de uma torre abobadada, de cimento. Pelo Centenário da Imigração (1928-1929), a comunidade levantou ali um obelisco de pedra natural sem desbaste, com placa comemorativa (2).

Os patriarcas da fundação de São Pedro de Alcântara haviam falecido, e ali mesmo estavam sepultados, no cemitério velhíssimo que encintava a igreja matriz no alto da colina. Com o desaparecimento dos velhos

(1) *Crispim Mira*, pags. 116-117.

(2) *Os nomes das famílias fundadoras e os próprios dizeres da placa eram em língua alemã. Hoje, a primeira placa está substituída por outra, e a própria pracinha está calçada (1974).*

desbravadores, ninguém mais entretinha filhos e netos com histórias de Napoleão Bonaparte. Pelas paredes, as telas vetustas do ilustre corso ou estavam destruídas, ou se escondiam sob outra estampa qualquer. É que certo número desses primeiros alemães em São Pedro haviam combatido ou pelo menos sentado praça em algum exército de Napoleão, dono da Europa do tempo deles, e como o alemão gosta de façanhas de guerra, já se contara em São Pedro muita história de batalha havida e não havida, com detalhes de aventura grande, conforme o atesta o próprio padre Paiva em sua memória, ao referir-se às narrações em que os bigodudos alemães “deixavam apparecer o enthusiasmo de um genio guerreiro, e o nome de Napoleão é pronunciado por elles com prazer indizível” (1).

Também as casas em São Pedro começaram a cheirar muito menos à proximidade dos currais; pois enquanto na região do Mosela, seguindo hábitos campestres europeus, as estrebarias eram pegadas às casas de habitação, em Santa Catarina a largueza do terreno permitia não só o afastamento, mas até mesmo a construção de toda uma rancharia na vasta propriedade. Verdade é que o primeiro rancho construído pelo colono no Brasil era bem inferior à casa que ele deixara ao emigrar. Entretanto, a casa que seus filhos iam levantar, vinte anos depois, era em tudo superior à que, ainda crianças, haviam deixado na Alemanha.

De todos os colonos de várias nacionalidades que procuraram o Brasil, foi o alemão que mais caprichou por conseguir fazer casa boa e, se possivelmente, bonita. Os alemães, no meio rural, até conseguiram desenvolver um estilo colonial próprio, só deles. Este estilo fez escola, e muitas vezes, da estrada ao longe, distinguia-se logo a casa de um colono alemão de todas as outras. O colono alemão achava seu estilo definitivo. Durante várias décadas, realmente, chegou a se impor. Mas bastou que por ali entrasse o ônibus, primeiro “elemento máximo” do progresso para o colono, começaram a surgir ali também outras casas, mais “pra frente” como diríamos. Na região de São Pedro de Alcântara ainda existe bom número de casas em estilo “colonial alemão-catarinense”, mas elas tendem a desaparecer à medida que envelhecem. Ninguém mais reconstrói a casa do avô como ela era.

Na terra de origem, eram comuns, em casas de família, as construções em enxaimel (*Fachwerk*), ou com enchimento de taipa-de-sopapo (*Lehmwand*). Destas casas havia em São Pedro, e restam algumas, construções da segunda fase do colono, depois do primeiro rancho no mato. Como todo o território da Colônia era rico em madeiras e barro próprio, houve, para o colono a princípio ainda pobre, um simples transplante da casa do vovô ou do pai para o Brasil, com modificações certamente mínimas. Estas casas já suportavam fogão com chapa de ferro fundido — o colono era cioso do conforto da mulher —; os primeiros verdadeiros móveis toscos, de madeira; o baú em que se guardavam as roupas de festa, ao passo que a roupa de uso diário pendia de pregos de madeira fincados pelas paredes; as camas, que já não eram simples tabuado, mas camas de verdade; o lampião de querosene já melhor. Entre as construções em enxaimel e o estilo definitivo, houve, em casos numerosos, um estilo de transição:

(1) Paiva, folhas 201.

mantendo-se as fasquias de madeira visíveis, em vez da taipa usava-se tijolo sem reboco. O acabamento de tais paredes dependia dos recursos que o pai de família tivesse.

A casa definitiva do colono, que era mais ou menos a da terceira geração das nascidas no Brasil, apresentava-se invariavelmente construída

de tijolos, reboco de um branco imaculado, janelas e portas pintadas geralmente de azul. Se os filhos, ao casarem, ainda não tivessem meios de fazer casa igual, esforçavam-se, com grande sacrifício e economia, para construí-la o mais cedo possível. Havia na frente uma ou duas portas, de dois batentes, sem trinco, com fecho no máximo interno, de ferro, em cima e em baixo. As portas, como eram muito altas, à noite se fechavam ainda com tranca de madeira ou ferro. Diante das portas, havia dois ou três degraus cimentados, ou de pedra lisa. Variando o número de janelas de acordo com o tamanho da casa, não havia sala maior sem pelo menos quatro e todas inteiramente iguais em toda a casa:



Casal típico de fins do século passado em São Pedro de Alcântara. Nicolau Adão Schmitt, falec. em 1902, e sua esposa Ana Catarina Reitz, falec. em 1922.

dois painéis de vidros lisos corrediços, movendo-se em sentido vertical, e, quando suspensos, travados mediante borboletas de ferro presas à meia altura da janela. Essas casas, de duas águas iguais, sempre bem mais compridas do que largas, não possuindo nunca um segundo pavimento senão em forma de sótão, como qualquer residência tinham logo na entrada a peça principal, a sala de festas já descrita. Era de tamanho desproporcional ao resto da casa, e raras vezes se usava. Esta vaidade do colono, se é que representava vaidade, explica-se por sua obediência a um padrão, ou "status" social na Colônia, de que a arquitetura estereotipada dessas residências era o sinal. A maioria dos colonos que se esforçassem naquelas terras, depois de certo tempo estavam em condições, nem mais nem menos, de mandarem construir a mesma casa. Nem mais, porque só havia, na

Colônia, aqueles pedreiros, que só construíam aquele tipo de casa melhor. Nem menos, porque a família merecia. Em alguns casos, esta sala abria para quartos de dormir; em outros, para varias dependências da casa. As divisões internas destas casas de colono obedeciam primordialmente a critérios práticos. A sala grande comunicava sempre com a sala de jantar, pelos colonos chamada de "varanda", e onde, em mesa mais ou menos comprida, as famílias faziam suas refeições. Outras famílias faziam estas refeições na cozinha, reservando-se a "varanda" para quando houvesse visitas. A cozinha era sempre muito espaçosa: ali, além do fogão cimentado e chapa de várias bocas, havia ainda a dispensa, o lavador da cozinha, uma quantidade de baterias de cozinha e utensílios domésticos alinhados em prateleiras, sendo de notar que a boca do grande forno, construído do lado de fora, abria também para dentro da cozinha, o que para as donas de casa significava realmente uma grande invenção. Ali sucediam-se as fornadas do pão de milho de cada dia, pão de trigo e "cuca" para domingos e festas. As crianças em geral aproveitavam as brasas para assarem sua batata-doce ou seu milho verde. Rente à casa, havia o grande lavador cimentado, coberto, com água abundante correndo direta dos canos, sem necessidade de torneira. Este lavador, para o colono, significava a conquista definitiva do bem-estar, depois das grandes lutas dos primeiros anos em busca da água fácil, próxima e abundante para a dona de casa. Os colonos de São Pedro não conheciam poços. O lavador bem arrumado, com seu grande tanque de água transbordante dia e noite, era necessário objeto de admiração para qualquer visita que aparecesse. Na escala de beleza e valor, vinha logo depois da horta e do jardim. Uma casa, por modesta e pobrezinha que fosse, nunca dispensava o jardim na frente. Era sempre de dimensões respeitáveis, dividido em canteiros grandes e menores, onde as mulheres mostravam às outras os frutos de sua mão feliz e os espécimes florais que as outras não tinham. A facilidade de adubos naturais e espaço, unida ao clima fresco, criaram ali alguns paraísos de flores, pouco visíveis da estrada, porque em geral as casas dela se afastavam, mas que não tornavam difícil identificar, em São Pedro, a casa dos jasmims, a casa das rosas, a casa dos cravos. Só não conheciam os gerânios de enfeitar janela. Mas para quê, se o jardim lhes crescia para dentro da casa?

Como a divisão interna das casas variava muito, além da sala maior, da "varanda" e da cozinha espaçosa, havia ainda, em muitas, outra sala menor, muito bem servida de luz natural, destinada à costura. Tudo o que se relacionasse com roupas por fazer ou consertar (e não se compravam roupas feitas), ali se concentrava. Era o lugar mais escolhido para conversas. Muitas crianças faziam ali, na presença da mãe, suas lições de escola e ali passavam seu tempo de castigo. O velho relógio da família era ali que batia suas horas, suspenso sobre a escrivaninha que servia de "escritório" para todas as cartas que se escreviam, e que em algumas raras famílias chegavam a ser bem numerosas. O segundo pavimento da casa só impropriamente merecia este nome: era o "sótio" dos colonos, acessível por uma escada de madeira quase vertical, bastante perigosa, onde, em quantidade necessária de leitos, dormiam os filhos varões. Ali guardavam-se também muitas utilidades e inutilidades domésticas, os brinquedos das crianças, todo um bricabraque de apetrechos, encimado pelo

varal de arame, onde se estendiam as roupas para secar em dias de chuva.

Mais ou menos a partir de 1930, tendo aumentado o pecúlio de certo numero de famílias, começou a surgir na paisagem um tipo mais avançado de residência, quando os "arquitetos" que vinham da metade do século passado haviam cedido seu lugar aos mais novos, de fora, construtores dessas casas risonhas que hoje se veem em toda parte nas estradas de Santa Catarina. Mas a casa braquinha e azul, na paisagem verde dos prados e das colinas, oblonga, baixinha, sem caleiras, com uma porção de portas, sempre protegida de cercas boas, jardim perfumado na frente, horta grande, bezerros retouçando a dez metros, gansos, marrecões, perus em colonial mistura, tudo isso emoldurado de laranjeiras e pessegueiros ou em flor ou em frutificação - ainda é este saudoso tipo de habitação bastante comum no interior catarinense, em São Pedro sobretudo, onde vivem centenas de descendentes dos pioneiros de 1829.

Toda a frutificação do sacrificio enorme desses pioneiros, cem anos depois de fundada por eles a Colônia, abria-se por todos os lados, espoucando como laranjeira carregada, na grande festa do Padroeiro São Pedro de Alcântara. Era alguma coisa de espantoso. Tudo o que os alemães haviam investido ali, durante gerações, em salgados suores caídos que talvez fossem mais gotas de sangue mesmo, o que eles ali haviam argamassado em solidariedade humana com as pedras numerosas do seu chão ingrato, a experiência social apesar de tudo brilhante que o Brasil, contra toda esperança, via realizada nesse canto perdido da sua geografia, exatamente - uma experiência social -, todo esse resultado ali estava, denso e colorido, numa festa galopante de alegria. Vinha gente de Florianópolis, de São José, de Santo Amaro, de Angelina, do Biguaçu.

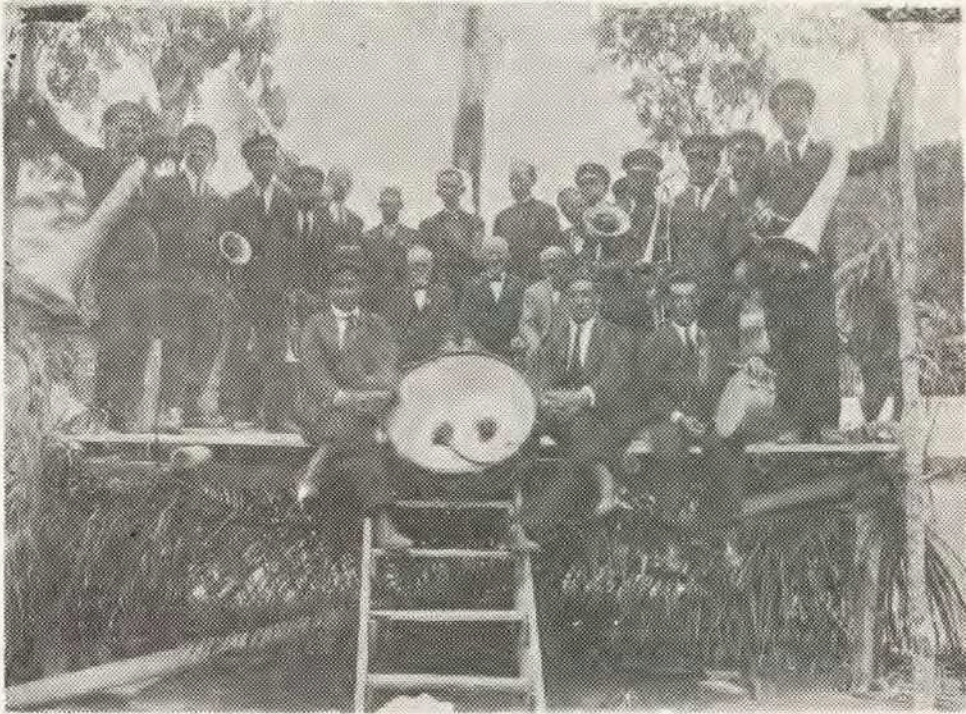
No dia 19 de Outubro ninguém trabalhava em toda a paróquia. Era a festa máxima de toda a Colônia, todo o mundo peregrinava para a freguesia, e quem não pudesse, ficava em casa penando. Devido ao grande movimento religioso, o vigário apelava para os freis franciscanos, já muito conhecidos em toda a região, e a cuja Ordem, aliás, pertence o Padroeiro da Colônia, São Pedro, missionário e penitente da cidade de Alcântara, na Espanha. Auxiliavam na administração dos sacramentos, na missa solene do dia e na procissão, em que colaborava muitas vezes a banda de música da pequena freguesia de Santo Amaro, vizinha de São Pedro. A festa do Padroeiro reunia, praticamente, toda a população da Colônia, e a metade vinha a pé, muitos de longe, e descalços, para economizar calçado. Traziam sapatos e botinas nas mãos, lavavam os pés em qualquer água ao chegarem à praça, e então, calçados, endomingados, lustrosos e festivos, entravam na festa. Esta se iniciava com a missa solene, na velha matriz do alto da Colina, para onde afluía, chamada pelos sinos e pelo foguetório, toda a gente, superlotando o templo e transbordando pela pracinha da igreja. Ficava ali também a "praça dos namorados", logo à saída do templo. O espetáculo, que era de todos os domingos de sol, na festa do Padroeiro aumentava de importância e de movimento. O namoro funcionava à distância e era coletivo. As moças encostavam-se à parede norte do templo, em fila, enquanto a rapaziada, a uns dez metros, de frente para elas, namorava, isto é, gracejava, engraçava ou se desgraçava. No espaço livre, rumo à igreja, passava todo o povo. Já então andavam

por ai, debaixo dos coqueiros, vizinhando o portão de ferro, os meninos, inclusive pretinhos, oferecendo doces, cuscus, rosquinhas, cocadas e balas. E toda a vila começava a ferver no reboiço da quermesse, cheirando a café com leite, a bolo, a vinho e a carne assada. O leilão de prendas, já em uso todos os domingos, na festa de São Pedro redobrava de gritaria e rendimento: porquinhos, perus, galo gordo, a melhor abóbora da roça, muitos bolos, assados, roupinhas, além de utilidades permanentes saídas das oficinas da Colônia: adereços de montaria, botas, tamancos, chinelas, pequenos móveis, utensílios de cozinha. Nesse dia, não havia casa em São Pedro que não estivesse cheia de gente. Se não eram parentes, que muitos já vinham de véspera, havia ainda os contra-parentes e os penetras - compadres, comadres, com a filharada muitas vezes, os "parentes" por um dia. Os galpões que houvesse estavam repletos de carros-de-mola, carroças, charrettes chamadas "aranhas" pelos colonos, e arreios. Todos os poteiros guardavam cavalos de fora. Nesse dia não se amarravam as montarias pelos cercados da freguesia como em qualquer: no dia 19 de outubro todos os animais eram desencilhados, pois todo o mundo ficava até à noite.

Mas o dia, era antes de tudo, dos rapazes. Estes preparavam seus cavalos semanas antes da festa. Exibindo-se então, levantavam poeira pela freguesia afora, em demonstrações de grande perícia e equitação de orgulho, dominando a custo seus pingos espumantes, para serem admirados pelas moças e pelas senhoras mães. Já nesta entrada pela freguesia, quem mais pudesse, mais exhibia. Os palafrêns, parelheiros, pica-fumos desses moços, na cabeça e no peito quanto mais correame inútil e formoso, arreamentos e adereços trouxessem, com argolas brilhantes e penduricalhos vistosos, mais categoria representavam para seu dono. Este, muitas vezes, era o pai do rapaz que levava a glória. Arreios com cabeçote de lataria niquelada, em relevo, com desenho ou iniciais, chinchas e sobre-chinchas; estribos de luxo e pelegos multicores dos melhores; testeiras de sola branca incrustadas de medalhões prateados; focinheiras, coelheiras e retrancas da mais afamada selaria local; frontais, rosetas e brincos, areados de véspera, rebrilhando; botas reluzentes, cano alto e largo; chicote rico; cinto de couro escolhido com grande fivela à vista; paletó aberto sobre a camisa imaculada e gravata inteira; no bolsinho superior do paletó o relógio de corrente e medalhão, junto com o lencinho pega-moça de ponta generosa visível; tudo isso coroado com o chapéu de feltro de abas largas - eis o "mocinho" das festas de São Pedro de Alcântara. Os velhos meneavam a cabeça: o filho gastando em estardalhaço de um dia todas as suas economias. Meneavam a cabeça, mas iam levando. Fôra diferente no tempo deles? Não fôra.

Moça, naturalmente mais retraída, ia em selim vermelho forrado de palha, quando sobrava cavalo. Se não sobrava, ficava em casa, amargurando muito. Mulher casada ia em égua mansinha. Usava chapéu de palha pintada, puxando a roxo ou azul escuro, com abas descomunais, contra o sol. O chapéu tinha a parte superior da copa atravessada de lado a lado por um enorme alfinete ornamental cabeça-de-marfim, que se prendia aos cabelos não deixando o vento levar o chapéu. Usava-se a montaria, longa saia de tecido geralmente escuro, caindo além do estribo até os joelhos do animal, cobrindo os pés da dama, luxo que transformava

em cerimônia o ato de montar e podia significar fatalidade em caso de queda. Montaria e chapéu era, a um tempo, sinal de decência e distinção, e nem todas podiam. O fato é que a festa anual do Padroeiro, como sem dúvida em todas as localidades menores do nosso vasto País, polarizava totalmente as atenções do povo, muitos dias antes, e alguns dias depois. E quem assistisse, pelos anos de 1920, e mais ainda pelos anos de 1940, a



A Banda de São Pedro de Alcântara, em seus tempos áureos, pela segunda década do século. No meio, sentado: o sr. Augusto Deschamps, presidente.

uma festa em São Pedro, apreciando um movimento festivo regional como existem inumeráveis pelo Brasil, estava longe de imaginar as lutas terríveis que essa comunidade tivera de travar, para atingir a meta a que todas as comunidades do mundo têm o mais sagrado direito: gozar em paz dos frutos de seu trabalho. A comunidade de São Pedro de Alcântara, plantada em chão ingrato desde o princípio, empurrada, desde o princípio, para um futuro que parecia sombrio em consequência de grandes dificuldades externas, venceu, contra toda esperança, as duras limitações que lhe foram impostas e as suas próprias, desenvolvendo-se, não em comunidade rica, mas em comunidade harmoniosa e unida. Sendo uma colonização oficial do Governo Brasileiro da época, como vimos, não teve fundadores europeus responsáveis, que se fizessem diretores independentes, assumindo-lhe o governo e dirigindo-lhe o progresso. Isto sucedeu com outras comunidades alemãs em Santa Catarina, com o resultado que o Brasil conhece. Em São Pedro de Alcântara, desde a idéia até a sua concretização, tudo dependia do ViceRei, depois de S. Majestade o Imperador, passando pela Inspetoria da "Colonização Estrangeira" lenta e vacilante, até chegar aos Governadores ou Presidente da Província, uns suplicantes, outros displicentes. Assim, até

que o correio chegasse ao Desterro, mais um saco de sementes havia apodrecido; com elas, mais uma esperança o vento sul havia carregado. Não havia quem tocasse para a frente a Colônia! A burocracia universal dos "canais competentes", tanto no Brasil Colônia, como no Brasil Império e no Brasil República, dessorava iniciativas e carcomia entusiasmos. O alemão em São Pedro tornou-se tímido e, o que é pior, amargurado com tanta promessa caída. Restava-lhe, como acentuamos, o recurso à sua fibra de homem moço — a quase totalidade dos imigrantes tinham menos de 40 anos — e à sua fé inquebrantável no dia seguinte, ele que já fora um cidadão praticamente escorraçado da Alemanha, sua pátria, conforme vimos em análise anterior, de acordo com o que atestam os estudiosos do fenômeno social daquela emigração, os quais, além de tudo, acusam os impostos, o prolongado e absurdo serviço militar, o desprezo dos lavradores por parte do Estado, "que tinha as atenções voltadas apenas para os sinetes e as taxas de emigração". Na Alemanha, ninguém parecia entender as razões daqueles lavradores, se até os poetas, em versos mordazes, zombavam deles... Rottmann, o maior poeta dialetal do "Hunsrueck", chegou a publicar uma paródia de certa balada de Schiller, começando assim;

*Willst Dau, Hannes, noh Brasilje ziehe,
Wo Deich Schlange unn die Afje grieh?*
(*Joãozinho, tu vai memo pro Brasil,
onde as cobra e os macaco anda tudo nas estrada?*)

Ou mais este exemplo de versos que corriam Reno abaixo e Mosela acima:

*... Datt die Faule nitt bestehn,
Unn dann noh Brasilje gehn
(Tu é vadio, pra nada presta, e já vai indo pro Brasil.)*

Num memorando de 3 de janeiro de 1828, ano da emigração para São Pedro, o presidente da Província de Trêveris (Trier) emitia conceitos como os que seguem, a respeito dos alemães que obedeciam àquela circunscrição civil: "É inútil prevenir ou admoestar: as autoridades civis e eclesiásticas não conseguem demover de sua loucura (*sic*) a essas pessoas tontas. Estas autoridades só confirmam o que anteriormente nós já havíamos experimentado: toda tentativa para refrear essa emigração, e para dissuadir esses iludidos de continuarem no propósito de tão funestas conseqüências, só consegue fortalecê-los na execução do mesmo, tornando-os ainda mais obstinados." (1)

Assim, podemos imaginar a despedida que esses lavradores tiveram no porto de Bremen, depois de ali também ficarem aquartelados durante um tempo, aquartelamento de que o de sete meses no Desterro foi apenas a continuação. Precisariamos transcrever do livro de Jacinto de Matos, o melhor historiador da colonização de São Pedro, tudo o que este engenheiro agrônomo tem para relatar sobre dificuldades e humilhações, por que passou aquele povo, e das quais esta crônica tentou expor um modestíssimo quadro.

(1) citações e versos extraídos do estudo de Hansheinz Keller, *vfr. bibliografia.*

Mal despedidos, mal recebidos, venceram.

Será por isso que, paradoxo ou equívoco, esta estréia colonial em Santa Catarina não teve glorificação?

A mocidade alegre e sadia que dali saiu, ou ali continua, desconhece toda a história ouriçada daquele começo pesadíssimo, quando seus antepassados, para sobreviverem a tudo aquilo, precisaram derrubar as ingázeiras, o bambual e muitas barreiras humanas.

Quando já subiam pelas encostas as enormes pastagens, onde retouçava o gado leiteiro abundante, todos os jardins floriam, todas as roças produziam, e o mercado da Capital de há muito se habituara aos produtos da Colônia de São Pedro de Alcântara, onde, em troca, todo o mundo já se vestia bem melhor, restava um grave problema não resolvido. Foi, por sinal, em todas as colônias do sul, a mesma dificuldade. Por culpa exclusiva dos próprios governos, o caso da escola brasileira nessas colônias arrastou-se por tempo demasiado longo. Se nos próprios arraiais como São Pedro não se metiam mestres nacionais, quanto menos professor ou professorinha se sujeitavam a penetrar nas "tifas" para ensinar linguagem nacional a crianças que só falavam dialeto alemão. A proximidade de São José e da Capital, circunstância feliz a que se aliava a própria indole pacífica e dócil de um povo, cujos maiores o sofrimento passado tornava receptivos e humildes, eram fatores que livraram a Colônia de problemas agudos com a assim chamada "nacionalização"; pois esta, na verdade, viu-se muito dificultada nas colônias mais isoladas ou de concentração populacional bem maior, em algumas cidades de Santa Catarina. Já acentuamos que os alemães, na falta de um professorado brasileiro para seus filhos, procuravam mestres alemães. Isto vinha favorecer o fanatismo étnico de alguns chefes de família mais estreitos de entendimento, mas não entrava nos planos e nos desejos da maioria. Esta sabia vantajoso o cidadão conhecer bem duas línguas, e mais vantajoso ainda integrarem-se seus filhos, brasileiros, nas leis e nos costumes do País. Além de vantagem, obrigação.

O professor Augusto Schnitzler, já mencionado, poeta, orador, catequista e o maior amigo que os colonos tiveram em São Pedro e em Santa Filomena no início do século, fôra também o último professor alemão na redondeza. Por coincidência, no ano de sua morte, em 1918, um decreto do Governo do Estado de Santa Catarina proibia, em todo o Estado, o funcionamento de "quaisquer escolas que não estejam de acordo com as leis que estabelecem a rigorosa nacionalização das mesmas". Simultaneamente, começaram a surgir então, na Colônia de São Pedro, mestres de porte moral e intelectual como um João Secundino Peixoto, de memória imorredoura pelo que fêz, em exemplo e ensinamento, nas famílias e junto a todos os seus alunos. Foi o homem que precisou afixar na ameixeira do pátio de sua escola, persuasivamente, uma grande tabuleta com os dizeres; "Aqui só se fala o português" (1). Tal era a situação, e tal era o empenho em aplicar o remédio. Não tinham culpa as crianças, nem mesmo a maioria absoluta de seus pais. Com o decreto, achava Crispim Mira que o Governo "resolveu definitivamente a situação". Na realidade, sendo muito mais fácil legislar do que executar as leis e criar os

(1) *memória da infância do autor.*

instrumentos, o Governo de Santa Catarina, como o de outros Estados sulinos, e não apenas na área das colônias de origem alemã, estava iniciando uma luta que só terminaria 25 anos mais tarde. No entanto, já antes da Segunda Guerra Mundial, na década de 1930, surgiu no Estado uma onda de furor nacionalizante, que, por ser furor, era um mastim que mordida sua própria cauda. Todos os inocentes pagaram por uma dúzia de culpados, e os próprios mortos pagaram por alguns vivos, quando as inscrições alemãs e italianas nas cruces, até estas, tinham de ser apagadas nos cemitérios. Era a filosofia da irritação, que só à irritação podia conduzir. Não entra, nesta memória histórica, felizmente nada do que não aconteceu em São Pedro de Alcântara. Embora houvesse, no sul do Brasil, "mestres" péssimos do povo, que na Alemanha só viam virtudes e no Brasil só viam defeitos, e embora houvesse, do outro lado, forças totalmente cegas aplicando a pedagogia da violência mais crua, de uns e de outras ficou preservada a Colônia de São Pedro, cujos fundadores, e seus filhos, com preço de suor e aflição, já tinham pago pelo que não fizeram. "Quanto à colonização alemã, se ela é perigosa em virtude da fortaleza de seu espírito germânico, procuremos, pelo trabalho e pela inteligência, ... senão suplantá-la, ao menos igualá-la. Ao invés do medo que humilha, a coragem que estimule a virilização da existência nacional. Tudo está, inicialmente, em que nos façamos fortes, economicamente falando. Sem isso são inúteis as exibições patrióticas. Aliás, o descendente de pais alemães, não deixa, no íntimo, de anelar toda prosperidade do Brasil, e terá, afinal, que abrasileirar-se. Não se pode negar, entretanto, que o alemão seja um colono inteligente, próspero, ordeiro, honesto, profundamente produtor. Pode-se mesmo afirmar que é o melhor colono do mundo" (1).

Em matéria de escolas brasileiras em colônias de fundação européia, pode haver compreensão para as omissões iniciais do Império, quando toda a vida brasileira, timidamente, estava apenas começando a organizar-se em estruturas nacionais, e não mais portuguesas. Mas que não tenha visto o problema a República, de nacionalismo tão agressivo como de Rui Barbosa, Afonso Celso, Borges de Medeiros e outros, deixando a solução para a Segunda República, fez o Brasil perder tempo até nisto.

Devido a essa incúria, também na Colônia de São Pedro, três gerações não aprenderam o português na escola, embora aprendessem todo o resto, pois a escola primária desses professores pouco ou nada ficava devendo à escola oficial. Mas o notável é que, em São Pedro, poucos com pronúncia viciada, todo mundo, há muito tempo, falava o português por toda a parte, privando com os tropeiros de Lages, com as famílias brasileiras que já por ali moravam, e com os escravos. Os velhos, só o que não desejavam eram costumes indesejáveis.

Assim, quando desceu sobre algumas cidades e várias colônias do sul a onda germanizante hitlerista de 1933 e anos seguintes, quando a funesta NSDAP investia grupos locais da ilegal missão de influir nas associações de classe e nas escolas particulares, para fins de possível nazificação, em São Pedro de Alcântara apenas havia notícia sobre tais assuntos. Só o que se notou foi a repentina falta dos jornais e dos almanaques,

(1) *Crispim Mira, pag. 11.: cfr. bibliografia.*

impressos até aí em Curitiba ou Porto Alegre, com matéria utilíssima para os colonos, e que por isso muitas deles assinavam, porque o alemão, mesmo lavrador, gosta de ler.

Não teria a República comprado para si tamanha dor-de-cabeça com a “nacionalização”, se o atávico emperro de nossa máquina administrativa, nossa morosidade na execução das leis, aliados à inépcia de alguns executantes e à cegueira iconoclasta de outros, não levassem tamanha carga de culpa, nem precisaria depois o governo da nossa coisa pública, em zelo feroz e ridículo, endossar a violação de cruzes sepulcrais, que não continham inscrições contra a segurança nacional; pois os netos e os filhos dos netos, que lá iam rezar pelos seus antepassados europeus alemães ou italianos, nada tinham com o problema: era uma juventude tão brasileira como qualquer outra no País.

Hoje, passados todos os ventos de um furacão que nunca mais deve voltar, amainadas todas as marés contrárias que chegaram a carcomer pela base, e bem salgadas, os entusiasmos de muito imigrante, que só nos desejava trazer o apoio do seu braço e a simpatia de sua presença amiga e fraterna, hoje mudados estão os ventos e os tempos.

Hoje, São Pedro de Alcântara é um pequeno lugar ainda sempre limpo e aprazível, aberto e alegre. Todas as casas, umas sessenta no perímetro urbano, são de tijolos, em cores vivas, agradáveis, bonitas. Dali se lançam, diariamente, para o tempo claro, as chusmas trêfegas das crianças louras para o enorme Grupo Escolar. Todas as manhãs também, sobraçando seus compêndios de sabedoria, lá se vão os estudantes, de ônibus, para os institutos de ensino da capital do Estado, mal sabendo das durezas que seus antepassados arrostartam e venceram.

Estrada acima, até Santa Filomena, o segundo núcleo de povoação já projetado nos fins do século 18 e que mal chegou a esboçar-se, alinham-se as casas antigas e novas, em comportada mistura, criando intensos pedaços de vida e trabalho ao longo de todo o riacho que já foi o lendário rio Maruí.

Por ali, sonhada “picada” de 1787 na patriótica imaginação do bravo Governador Pereira Pinto, hoje boa estrada, toda debruada de risonhas pastagens pelas encostas e toda frisada de casa com gente feliz, sobem os ônibus ou as caravanas em demanda de Nossa Senhora de Angelina, sobem os numerosos turistas, todo fim de semana, em busca de repouso e passeio, rumo à velha vila dos Mundéus, hoje sede municipal de Angelina, fundada em 1862, em paisagem que a todos agrada.

Sobre a velha venerável colina de São Pedro de Alcântara, onde descansaram, em sepulturas toscas, durante um século, todos os antepassados daquela gente, e onde sempre foi a igreja do povo, desde a primeira há 140 anos, ali ergue-se hoje a mole impressionante do grande templo católico, afamado em toda a parte por causa de sua cúpula.

Lá embaixo, na freguesia, em tardes mansas, o vento ainda brinca no bananal e nas laranjeiras, ou vem bulir nas cortinas, ali mesmo, na casa nova, lugar exato onde era a casa dos bisavós. E o vento manso dos tempos mansos de agora conta a história. Ela é mais comprida do que os longos rosários das avós, que elas próprias, nas noites tombadas

de lembrança, continuam a desfiar como já praticavam todas as outras antes delas. E todas as coisas são boas, diz o vento, quando andam arrumadinhas na gaveta da vida. Nem existiria este mundo gostoso, que a infância e a mocidade de hoje gostam, não fossem as boas coisas velhas que o construíram, diz o vento.

Assim, como cem outros lugares no Estado de Santa Catarina, e como dois mil outros no mundo, a Colônia de São Pedro de Alcântara, com destaque para a História e pouco para o mundo, teve seu pesado investimento em sacrifício e sangue, e o sangue humano não tem preço.

A primeira comunidade alemã em Santa Catarina postou-se no km 0 da estrada histórica, que levaria este Estado, pequenino entre a geografia de irmãos maiores seus vizinhos, não apenas a uma industrialização invejável, mas ainda a um sistema produtivo quase ideal de minifúndio agrário. O catarinense é admirado, talvez invejado, por causa da filosofia toda sua do bem morar e do bem viver, aprendida, também esta, por seus antepassados, na escola dura do seu inquebrantável idealismo.

Nem é por menos que a Colônia de São Pedro de Alcântara representa um dos exemplos mais impressionantes de vitória sobre a adversidade.

Gaspar S C, agosto de 1974.

HONROSA E MERECEIDA DISTINÇÃO

Foi eleito por unanimidade, em sessão realizada a 25 de maio último, para o quadro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o nosso co-estadoano, dr. Oswaldo R. Cabral, professor emérito da nossa Universidade, autor de conhecidas obras históricas e nosso colaborador. O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil tem sua sede no Rio de Janeiro, no Palácio Monroe, antiga sede do Senado Federal, e é presidido pelo General Jonas Corrêa, historiador e ilustre general das nossas Forças Armadas.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

BIBLIOGRAFIA

- AVÉ-LALEEMANT, Robert Christian Berthold — Reise durch Südbrasilien, Leipzig, 1859.
- ALDINGER, Dr. E. — Deutsche Mitarbeit in Santa Catharina, em "Deutsche Post", série de artigos, entre 4/4/1927 - 23/6/1927, São Leopoldo RS.
- COELHO, Joaquim de Almeida — Memória Histórica da Provincia de Santa Catharina, Desterro, 1853.
- DOERFFEL, Ottokar — Der südbrasilianische Landwirt, Dona Francisca, 1865.
- ENTRES, Gottfried — Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier der Deutschen Einwanderung in Santa Catharina, Stuttgart - Florianópolis, 1929.
- FERRAZ, Couto — Die deutschen Ackerbaukolonien in Sancta Catharina, Hamburg, 1859.
- GROTHER, Hugo — Im Kamp und Urwald Südbrasilien, Berlin, 1936.
- KELLER, Hansheinz — Die Brasilienauswanderung aus dem Hunsrück, em "Zeitschrift für Kulturaustausch", Jg. 16, pgs. 228 ss., Stuttgart, 1966.
- KOHLHEPP, Gerd — Die deutschstämmigen Siedlungsgebiete im südbrasilianischen Staate Santa Catarina, em "Heidelberger Studien zur Kulturgeographie", Wiesbaden, 1966.
- MATTOS, Jacinto Antonio de — Colonização do Estado de Santa Catharina, Dados históricos e estatísticos (1640-1916), Florianópolis, 1917.
- MIRA, Crispim — Terra Catarinense, Florianópolis, 1920.
- PAIVA, Padre Joaquim Gomes de Oliveira e... — Memoria Histórica sobre a Colonia Allemã de S. Pedro D'Alcantara, na "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", Rio de Janeiro, 1848.
- RAMBO, Pe. Balduino SJ — São Pedro de Alcantara, em "Deutsches Volksblatt", 10 e 11/7/1928, Porto Alegre.
- REITZ, Pe. Raulino — Frutos da Imigração, Brusque, 1963.
- SCHROEDER, Ferdinand — Die deutsche Einwanderung nach Südbrasilien bis zum Jahre 1859, Berlin, 1931.
- SPALDING, Walter — Gênese do Brasil Sul, Florianópolis, 1953.
- STUTZER, Gustav — Der deutsche Ansiedler in Südbrasilien, Braunschweig, 1924.
- TAUNAY, Afonso d'Escragnole, Visconde de... — Em Santa Catharina Colonial, São Paulo, 1936.
- VAN LEDE, Charles — De la Colonisation au Brasil, Bruxelas, 1843.
- VINCENZI, Giacomo, Cônego — Uma viagem ao Estado de Santa Catharina, Niterói, 1904.
- WILLEMS, Emilio — Aculturação dos alemães no Brasil, São Paulo, s/data.
- Correspondência do autor com: J. Ferreira da Silva (Blumenau); com o "Institut für Auslandsbeziehungen", Stuttgart; com o "Staatsarchiv Bremen"; com o Dr. Heinz Friederich, da "Zentralstelle für deutsche Personen und Familiengeschichte", Frankfurt; com o Arquivo da Diocese de Tréveris; com vários párcos da região de Tréveris e do rio Mosela.

O Juiz de Paz de Tijucas

(Dos «Alfarrábios» de José Mendes da Costa Rodrigues)

Governo Provisório do Estado Republicano de Santa Catarina, 17 de novembro de 1889 - Comunicamos-vos que hoje assumimos o Governo Provisório do Estado Republicano Catarinense, por aclamação da força militar de terra e mar. Clube Republicano e Povo! Saudamos-vos fraternalmente. Coronel João Batista do Rego Barro Cavalgante de Albulquerque. Doutor Alexandre Marcelino Baima. Raulino Julio Adolfo Horne. Ao cidadão Juiz de Paz do Povo de Tijucas.

Idem de 18 do dito mes e ano, determinando que as estações públicas e mais autoridades, continuem a funcionar como anteriormente até segunda resolução.

Estes oficiais assim registrados, verbo a verbo, foram recebidos pelo Juiz de Paz, mais votado, o Cidadão João da Silva Paranhos, que para memória a recordação da posteridade.

Este cidadão era filho legítimo de José da Silva Paranhos, natural de Portugal tendo este falecido na capital deste Estado, a muitos anos.

Tocou a João da Silva Paranhos, seus irmãos e irmãs, regular fortuna, que montava perto de vinte contos de réis.

Veio Paranhos para esta ilha pelos anos de 1860, mais ou menos, entrando de sociedade com Manoel Antonio Pereira Malheiros, em um engenho de arroz. Comprou, mais tarde o engenho, a fazenda e todas as propriedades. Malheiros com sua numerosa família mudou-se para a cidade do Desterro, ficando em companhia de Paranhos uma filha, que não era solteira, nem casada, ou viúva, visto que o seu marido havia fugido para Buenos Aires. Desta mulher teve família, que existe nesta vila.

Tendo Paranhos perdido a sua fortuna, neste mal, afortunado engenho, dispos-se de tudo e passou a prestar, com dedicação, ao serviço público.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

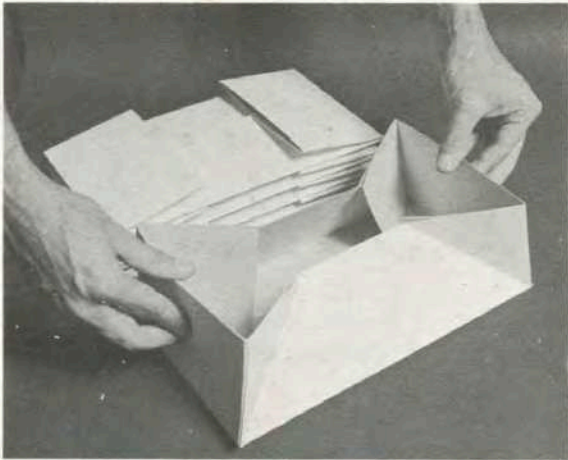
Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
Tipografia e Encadernação.

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercilio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Christiana Deeke Barreto* - *Elimar Baumgarten* - *Dr. Carlos Gofferjé* - *Augustinho Schramm* - *Isolde Hering d' Amaral.*

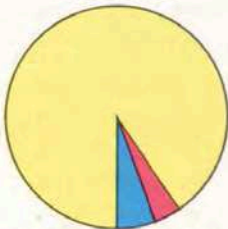
SCHNELL + VERPACKUNG =
a embalagem rápida



REVEJA SEUS CONCEITOS TRADICIONAIS A RESPEITO DA MELHOR EMBALAGEM PARA O SEU PRODUTO, POIS QUE SURGIRAM NOVIDADES.

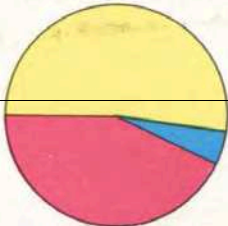
O SISTEMA DE EMBALAGENS DE ARMAÇÃO AUTOMÁTICA JÁ É MUITO DIFUNDIDO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO; NO BRASIL NÓS SOMOS PIONEIROS E SEGURAMENTE AS EMBALAGENS "SCHNELLPACK" PODERÃO RESERVAR AGRADÁVEIS SURPRESAS PARA SUA EMPRESA.

VOLUME



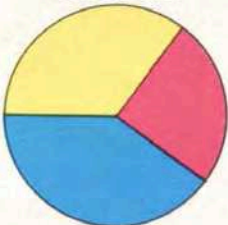
REDUÇÃO DO ESPAÇO NECESSÁRIO PARA ESTOCAGEM

PRODUTIVIDADE



ACRÉSCIMO DE PRODUTIVIDADE NO PROCESSO DE EMBALAGEM DO PRODUTO

CUSTOS



CUSTOS INFERIORES

- CXS. RÍGIDAS ARMADAS
- CXS. DESMONTÁVEIS
- CXS. NO SISTEMA "SCHNELLPACK"

PARA EFEITO DE COMPARAÇÃO, UTILIZAMOS UMA EMBALAGEM HIPOTÉTICA DE TAMPA E FUNDO COM DIMENSÕES DE 30x25x6 cm

gráfica 43 sa. — Indústria e Comércio

